

Funções Urbanas no Nordeste*

FANY RACHEL DAVIDOVICH

Geógrafo do IBGE

O presente trabalho é parte de um conjunto mais amplo de estudos que examina vários aspectos do sistema de cidades do Nordeste, tendo em vista fornecer subsídios ao planejamento regional, de acordo com termos do convênio firmado entre o ETENE e o IBGE.

O estudo das funções urbanas se baseou na metodologia utilizada por R. Smith para cidades da Austrália (1), segundo a qual as funções se constituem em base de diferenciação de cidades e a distribuição espacial da estrutura das atividades, em meio de se alcançar uma classificação satisfatória de centros urbanos.

Antes de nos determos na descrição do método adotado na sua justificativa e adaptações efetuadas, assim como nos objetivos que permite atingir, parece-nos válido apresentar "Observações críticas ao estudo geográfico de funções urbanas", ainda que muito sucintamente, dado o caráter não acadêmico do trabalho.

Uma primeira observação diz respeito ao próprio método de classificar, pouco significativo quando se constitui apenas em um fim em si mesmo. No que tange ao interesse geográfico, classificações tradi-

* Estudo realizado em convênio de cooperação técnica e financeira (30/1/76) entre o Banco do Nordeste do Brasil S.A. e a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e distribuído aos participantes do Seminário de Desenvolvimento Urbano realizado em Fortaleza, no período de 5 a 7 de outubro de 1977.

Colaboraram na sua elaboração as técnicas Maria do Socorro Alves Coelho e Marília Carneiro Natal.

Agradecemos as opiniões e críticas de Olga Maria Buarque de Lima, a quem, naturalmente, não cabe responsabilidade pelas imperfeições do trabalho.

cionais de cidades têm recebido críticas pelo seu caráter estático, sem correspondência com os processos e a dinâmica do mundo real.

Uma segunda observação se refere às bases teóricas em que se tem inserido os estudos de funções urbanas. Mesmo quando implicam em interações espaciais, esses estudos se mostram enquadrados em posições funcionalistas ou empírico-positivistas que, via de regra, deixam de levar em conta diferenciações das estruturas produtivas e dos contextos sócio-econômicos onde se encontram as cidades. Deste modo, a análise das funções urbanas tem, geralmente, se relacionado à teoria das localidades centrais, às atividades básicas—não básicas das cidades, a fluxos urbanos mais complexos que caracterizam funções intra e extra-regionais, e assim por diante. Entre as críticas que se podem levantar a essas formas de abordagem, parece relevante apontar questões que tais análises não chegam a distinguir.

Basicamente, essas questões devem se referir ao papel que os setores de atividades desempenham na estrutura econômica e às suas inter-relações. Apenas para exemplificar, pode-se apontar o que se imagina ser este papel:

— o desempenho do terciário em economias subdesenvolvidas e sua conexão com os demais setores de atividades remetem à questão da “inchação” urbana, que pode ser interpretada como implicações do próprio processo de acumulação urbano-industrial;

— com relação ao pressuposto da dicotomia urbano-rural, geralmente contido na noção de funções urbanas, seria necessário apurar em que medida as atividades da cidade se entrosam com interesses do setor primário, podendo caracterizar até que ponto o centro urbano representa uma extensão do mundo rural, direta e indiretamente;

— caberia também distinguir qual a função ou funções que estão à testa do processo urbano, isto é, aquelas que, embora nem sempre na evidência, integram, no entanto, as demais atividades da cidade;

— vale, por fim, assinalar que, sob o rótulo de uma mesma função urbana, podem estar encobertas realidades distintas de cidades, quer devido ao processo de evolução quer pela própria população a que servem.

Preocupações críticas com a questão de classificações funcionais de cidades se fazem presentes em Abler Adams, Gould (2), entre outros, e no citado trabalho de R. M. T. Smith, que enfatiza a necessidade das mesmas não representarem apenas uma sofisticação técnica de modos de classificação e de se constituírem em ponto de partida para a formulação de hipóteses. Segundo esse autor, o estudo de centros urbanos deve conduzir à definição do “caráter” das cidades, interpretado como fruto de diferentes histórias de crescimento não só daquele centro mas das de outros centros que integram o mesmo processo urbano.

Certos pontos de vista não se limitam, porém, a considerar a gênese urbana como seqüência de fases históricas e de sucessivas orientações para recursos; levantam questionamentos que transcendem a preocupação com funções de cidades, para indagar qual o papel que desempenham como expressão espacial de estruturas sociais. A preocupação dominante é com a posição da cidade quanto à concentração e mobilização de excedentes gerados pelo tipo de sociedade que representa. Entre outros aspectos, importa o conhecimento dos grupos sociais mais decisivos na estrutura do poder, que dizem respeito à esfera financeira, política, econômica e educacional, e o conhecimento do seu modo de atuação no sistema de cidades face à produção e reprodução de exce-

dentos. Importa, igualmente, detectar as diferentes cidades como campos de interseção de esferas de poder e dos sistemas de produção e consumo.

Em resumo, um estudo de funções urbanas levando em consideração esse tipo de preocupação requer, necessariamente, a pesquisa de campo, inclusive como meio de testar empiricamente formulações teóricas diversas. Interpretações baseadas unicamente na informação estatística tornam-se limitadas, sobretudo, como diz R. M. Smith, porque dados censitários geralmente se restringem aos padrões da "teoria sócio-econômica contemporânea" (3).

Essas considerações não invalidam, porém, a metodologia adotada para a análise das funções urbanas no Nordeste. É de grande interesse geográfico a análise da variação espacial da estrutura do emprego, na medida em que fornece bases para a explanação da distribuição geográfica de combinações diversas com que se apresenta a população economicamente ativa; combinações essas que se expressam em especializações e diversificações e que permitem deduzir complementaridades e interdependência entre cidades e sua região.

Atingimos, assim, a parte do trabalho em que, sucintamente, introduzimos a *justificativa do método adotado*.

Essa justificativa diz, primeiramente, respeito ao próprio procedimento classificatório. É de consenso geral que a classificação se constitui em elemento importante de explanação, na medida em que representa um primeiro passo de generalizações dos dados e de sua organização contínua/descontínua, segundo critérios e princípios.

Neste sentido, a classificação satisfatória é aquela que sugere relacionamentos importantes ou permite inferir interações, ainda que não sejam explícitas. Por sua vez, regularidades espaciais nos relacionamentos que se expressam em classes podem servir de base para hipóteses a serem testadas e refinadas.

Sob esse enfoque, o uso da classificação também se justifica quando introduz a *noção de escala*. Vale dizer que classes de cidades podem se referir não só à constatação de regularidades em estruturas espaciais como à dimensão e extensão dessas regularidades. Deste modo, a classificação se prestaria para levantar hipóteses sobre escalas de um processo sócio-espacial.

Exemplificando, uma classe de cidades em que a ocupação urbana dominante está no setor primário pode servir como referência de padrões econômicos precários, de uma vida urbana inexpressiva e de uma fraca articulação regional. Aponta, assim, para uma escala do processo regional. A seu turno, um grupo de cidades em que o padrão ocupacional é dominado pela combinação de atividades diversas estaria a revelar uma outra escala do mesmo processo regional. Uma estrutura espacial com essas características suscita interpretações baseadas em pressupostos teóricos distintos: de um lado, a que considera a fraca integração da área em questão como função da insignificante interação entre centros principais e hinterlândia, e, de outro, a que procura reconhecer nessas características formas de interdependência que são precípua a determinadas estruturas espaciais.

No tocante à justificativa do método propriamente dito, já mencionado, cabe assinalar que se trata de um enfoque geográfico relativamente recente a respeito de classificação funcional de cidades. Colocando-se em posição crítica quanto às classificações tradicionais, o autor se preocupou com uma perspectiva geográfica, mas limitou-se a considerar que existe certa ordem espacial na distribuição das atividades econômicas em geral e que as funções implicam em relações

complementares entre uma cidade e sua área de influência. Deste modo, o estudo por nós realizado valeu-se parcialmente daquele trabalho, introduzindo adaptações com vistas a novas interpretações.

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia que está explicitada no artigo citado utiliza a percentagem da população economicamente ativa engajada em diferentes setores de atividades, por cidades. Trata-se, portanto, de um indicador que pode mostrar, até certo ponto, a importância de cada um destes setores como absorvedor de mão-de-obra.

A similaridade funcional das cidades foi obtida no estudo original através de uma matriz de correlação simples, a partir da qual se estabeleceram grupos ou classes de centros urbanos mediante uma análise de *linkages*. Essa metodologia trabalha essencialmente com medidas de tendência central, desde o uso de variáveis padronizadas à determinação da tipologia dos centros, a qual é obtida através de sua posição em relação à média nacional de cada uma das atividades.

Utilizou-se um número menor de cidades e de variáveis, adaptando-se o método a um estudo regional. Por dificuldades técnicas a padronização dos dados se fez a nível regional. Selecionou-se 254 distritos-sedes de municípios do Nordeste, incluindo aqueles com população urbana a partir de 7.000 hab. e abaixo dessa quantidade, aqueles mais populosos de cada microrregião não contemplada anteriormente e ainda os das áreas metropolitanas. A fonte dos dados é o Censo Demográfico de 1970, que se refere à população residente. As possíveis distorções relativamente à PEA efetiva devem limitar-se aos centros de áreas metropolitanas e aglomerações urbanas, onde a população residente pode trabalhar fora do local de domicílio.

A inclusão de localidades tão díspares em dimensão leva a considerar o problema do tamanho urbano. Em relação *aos critérios de tamanho urbano*, Tolosa, H. (4), por exemplo, alude às dificuldades de estabelecer tais critérios e à arbitrariedade a que estão sujeitos. Dentro dessa ordem de idéias, considera o limite de 50.000 habitantes como um marco abaixo do qual as cidades seriam consideradas pequenas.

No caso do Nordeste este limite talvez seja discutível, mas, por ora, basta reconhecer que foram incluídos aglomerados considerados pequenos e muito pequenos na análise em questão.

Levando em conta interesses de planejamento, calcados, via de regra, em objetivos de eficiência, vale trazer algumas concepções a respeito do problema do tamanho urbano. Diversos pontos de vista consideram que a própria noção de funções urbanas típicas implica no pressuposto de um mínimo de concentração de pessoas e de atividades econômicas em um determinado ponto da superfície terrestre. Relativamente à sociedade americana, L. Wingo (5) comenta que tão grande contingente populacional talvez não fosse capaz de viver no seu atual padrão de consumo sem altas concentrações de pessoas e de recursos.

Por sua vez, Tolosa (6) demonstrou que aglomerados situados à esquerda de um ponto C, determinado a partir de curvas de custos totais e de benefícios totais de longo prazo, relacionados a cada tamanho de cidade, incorreriam apenas nos custos, sem os correspondentes benefícios da aglomeração. Esta seria a situação das pequenas locali-

dades: "desfrutando de custos médios decrescentes, não conseguem, porém, gerar volume de benefícios suficiente para cobrir os custos totais".

Mas o mesmo autor assinala que um modelo de tamanho urbano ótimo não deve ser estático, já que curvas de custos e benefícios variam no tempo, de cidade para cidade e de região para região, devido a uma série de fatores como o progresso tecnológico, a mudança nas preferências de consumo e da produção, e a ação do governo.

Não obstante, a inclusão de localidades pequenas e muito pequenas permite levantar problemas de caracterização dos contextos espaciais em que se encontram e que também dizem respeito a estratégias de planejamento.

De um lado, o trato destes aglomerados em nossa análise nos faz defrontar com a questão da imprecisão de limites entre o que é urbano e o que é rural, caráter esse inferido da quantidade de localidades pequenas e muito pequenas no Nordeste. Assumindo o nível de 20.000 hab como indicador de urbanização, em 1970 existiam na região 1.309 aglomerados com população inferior àquele nível, em um total de 1.375 cidades. Por outro lado, o trato desses aglomerados contribui para considerar os contextos espaciais que já não estão simplesmente confinados aos limites de uma só cidade e que resultam da integração de localidades diversas, graças à difusão dos meios de comunicação e da crescente mobilidade física (7).

Para fins de planejamento, é importante essa descrição que diz respeito a diferentes estruturas espaciais, na medida em que sugere estratégias capazes de promover o desenvolvimento da posição específica de localidades que são intermediárias entre segmento urbano e rural. Nesse particular, torna-se, de certo modo, contrabalançada a crítica que se faz à adoção do conceito de urbano, tal como apresentado no censo.

Relativamente às *variáveis*, trata-se da população economicamente ativa urbana, que pode expressar o comportamento regional da oferta de emprego nas cidades, a partir da idéia de que a oferta está ligada à demanda e abstraindo a baixa taxa de desemprego contida nos dados censitários. Segundo anteriormente mencionado, utilizamos número menor de atividades do que no trabalho original, posto que a inclusão de localidades pequenas pode acarretar distorções na informação, devido ao tipo de amostra empregada no censo.

Trata-se das seguintes variáveis de PEA urbana do distrito-sede, por setores de atividade, obtidas em tabulação especial do Censo Demográfico de 1970:

- 1 — Setor Primário;
- 2 — Atividades Industriais, exclusive Construção Civil;
- 3 — Indústria da Construção Civil;
- 4 — Comércio de Mercadorias, exclusive Comércio Ambulante, Feiras e Mercados;
- 5 — Comércio Ambulante, Feiras e Mercados;
- 6 — Prestação de Serviços;
- 7 — Atividades Sociais;
- 8 — Transportes, Comunicações e Armazenagem;
- 9 — Serviços Administrativos e Governamentais, mais Defesa Nacional e Segurança Pública;
- 10 — Comércio de Imóveis e Valores Imobiliários, Crédito, Seguros e Capitalização, mais Profissões Liberais.

Média e desvio padrão foram calculados com base em valores percentuais obtidos pela relação entre cada uma das variáveis de 1 a 10 e o total da PEA urbana, do qual se excluiu as não compreendidas nos demais ramos ou mal declarados. Obtidos a média e o desvio padrão, determinaram-se os dados padronizados de cada distrito-sede em cada uma das variáveis.

O setor primário foi tomado globalmente, dado sua representatividade menor em unidades urbanas de maior tamanho. No Censo Demográfico corresponde ao setor de atividade que compreende: agricultura, pecuária, silvicultura, extração vegetal, caça e pesca.

O setor secundário foi desagregado em: atividades industriais e construção civil. No primeiro subsetor estão contidas as seguintes classes de atividade: extrativa mineral, serviços industriais de utilidade pública e indústria de transformação.

O setor terciário, que inclui classes de atividades muito heterogêneas, foi desagregado em parte, levando em contar seja as atividades cuja dinâmica está mais diretamente relacionada ao tamanho urbano seja aquelas que refletem aspectos regionais, como feiras, etc.

No que tange às *adaptações* introduzidas na metodologia original, além das já comentadas, empregaram-se também uma análise fatorial com essas mesmas variáveis e uma análise de agrupamento, visando a resultados de classificação mais satisfatórios do que aquela inicialmente proposta.

Com vistas à explanação e a contornar alguns dos problemas antes apontados no estudo de funções urbanas, incorporaram-se outros elementos de análise, como sejam *indicadores de produtividade média e de rendimento, e o crescimento urbano entre 50 e 70*.

Os indicadores de produtividade média utilizados podem ser tomados como um aspecto de eficiência, mas não se propõem a substituir a noção de eficiência urbana, cujo conceito tem sido objeto de controvérsias. Via de regra, os critérios empregados são considerados ainda insuficientes para caracterizar com precisão o grau de eficiência econômica de uma cidade. Recorrendo mais uma vez a Tolosa (8), "a eficiência de um centro urbano é um conceito relativo e depende da maneira como cada centro impõe custos e contribui com benefícios para o sistema urbano como um todo".

Em nosso trabalho os indicadores foram obtidos por um método que faz uso de técnicas de desvio padrão, procedimento esse que introduz a noção de produtividade média de setores de atividade (9).

As variáveis selecionadas, em número menor do que no trabalho original, foram as seguintes:

1 — Valor da Transformação Industrial/Pessoal Ocupado na Indústria;

2 — Receita do Comércio/Pessoal Ocupado no Comércio;

3 — Receita dos Serviços/Pessoal Ocupado nos Serviços;

4 — Rendimento médio mensal da PEA urbana com rendimento.

As fontes dos dados são os Censos Industrial, Comercial e de Serviços (1970), e tabulação especial do Censo Demográfico de 1970. A unidade espacial de observação é o município e não o distrito-sede, o que não deve representar grandes distorções nos resultados, posto que as variáveis são, antes de tudo, pertinentes ao setor urbano.

Os *scores* padronizados de cada município foram calculados a partir das médias e desvios-padrão para cada variável. Com esse proce-

dimento obteve-se a posição relativa de cada município em relação à média do conjunto, em uma escala comparável para todas as variáveis.¹

Deste modo, tem-se elementos para comparar o comportamento da ocupação na indústria com a de outros setores de atividades, levando inclusive a testar até que ponto serviços e comércio podem atenuar diferenças de produtividade entre cidades.

Por sua vez, a variável rendimentos mensais da PEA diz respeito, fundamentalmente, aos salários, fator que incide com participação acentuada na distribuição funcional da renda. Os dados referem-se apenas à distribuição com declaração de rendimento.

Diferenças entre cidades quanto à especialização industrial, ou outros setores, vão refletir-se na mão-de-obra e no seu grau de qualificação e, portanto, em desigualdades de salários. Do mesmo modo que salários mais altos correspondem à presença de indústrias dinâmicas, rendimentos mais baixos devem expressar dominância de atividades tradicionais.

Por sua vez, a análise do crescimento urbano se presta a avaliar diferenças de dinamismo entre cidades, relacionando-as à posição geográfica, ao tamanho, levando a se constatar quais as que mais absorvem mão-de-obra.

Nesse particular, pode-se suscitar questões importantes para planejamento. Chinitz, B. (10), por exemplo, aponta que as áreas urbanas maiores são mais diversificadas do que as áreas pequenas. Apresentam também maior estabilidade de crescimento, posto que seu destino não está ligado à sorte de uma ou de poucas atividades.

Com vistas a finalidades preditivas, esse mesmo autor se refere às presumíveis vantagens locais de uma teoria da diversificação, levando em conta que se trata de áreas urbanas cujo potencial de crescimento diz respeito a atividades com exigências locais já conhecidas. Dentro dessa ordem de idéias, permite-se questionar sobre a diversificação funcional como meta a ser atingida, a nível de cada centro.

Aqui levantamos, porém, o problema da dinâmica dos centros em função de sua posição geográfica e de sua integração no processo sócio-espacial da região, isto é, a região pode diversificar-se com algumas unidades especializadas. Na medida em que se relaciona a especialização a uma localização geográfica e não apenas à presença de produtores especializados, cabe, por exemplo, considerar seu significado:

— junto às aglomerações metropolitanas, no que estruturam conjuntos de maior complexidade social e econômica;

— como especializações que se constituem em etapa de posterior diversificação funcional do aglomerado, implicando em certo tamanho e distanciamento de centros urbanos maiores;

— como tendência de centros que sofrem mudanças no seu caráter urbano, isto é, centros regionais que se esvaziam de determinadas fun-

$$1 \quad z_i = \frac{x_i - \bar{x}}{\delta x}$$

z_i = score padronizado do município i

x_i = score do município i na variável x

\bar{x} = média da variável x

δx = desvio-padrão da variável x

Posteriormente proceder-se-á à integração das variáveis mediante a soma dos valores Z . A função desta medida confinada é mostrar o desvio total em relação ao que seria um "município médio" na região.

ções, como Sobral e Moçoró, na medida em que se incorporam a novas escalas do processo regional, escalas estas que se estruturam com o aumento de acessibilidade à metrópole e com as condições de desvitalização de suas áreas de influência.

2. OBJETIVOS

Examinados em rápida análise os aspectos metodológicos do estudo em questão, passaremos aos *objetivos* que se tem em vista com o modelo de classificação adotado.

Um primeiro objetivo se identifica ao do trabalho original, isto é, estabelecer uma tipologia de centros urbanos organizados em classes funcionais. Com esse procedimento podem ser identificadas especializações mais ou menos acentuadas através de proporções de emprego acima da média, em uma dada atividade. Inversamente, a não especialização é aferida pela distribuição da PEA abaixo da média. Cabe, porém, lembrar que as funções devem ser analisadas em conjunto, de vez que não se trata de atividades simplesmente justapostas. Tem-se, assim, elementos para aferir a interdependência das atividades nos centros, não só entre as que se mostram dominantes no emprego como entre as demais que se apresentaram em torno da média, mas que podem ser complementares àquelas.

Outros objetivos podem ser alcançados com esse procedimento metodológico, na medida em que os grupamentos de cidades sejam vistos como referencial de escalas do processo regional.

De um lado, corresponderiam a dimensões que podem expressar ritmos desiguais com que diferentes partes do sistema urbano se ajustam a mudanças. No tocante às grandes cidades, por exemplo, parte-se da idéia de que apresentam velocidade maior na aquisição de serviços, recursos e atividades do que localidades menores. Assim, o custo ou tempo de viagem entre elas se reduz, tornando-as mais próximas em termos relativos. Seguindo o pensamento de Harvey (11), caberia reconhecer na região ritmos de convergência que dizem respeito às grandes cidades, implicando em maior interação entre as mesmas do que com a região, e ritmos de divergência que se referem à posição relativa das pequenas localidades, implicando em condições de maior inércia. Vale dizer que se trata de dimensões ou escalas nas quais o espaço físico não é necessariamente contínuo.

Nessa ordem de idéias pode-se questionar se a classe dos maiores centros urbanos do Nordeste corresponde a uma extensão do sistema nacional de cidades, a partir da idéia de que essa extensão implica em evidências de economias de escala que parecem se tornar patentes nas concentrações acima de 100 mil habitantes. Caracterizar-se-ia, assim, uma dimensão do processo de urbanização na região.

A avaliação dessas escalas deverá, portanto, ser efetuada pelo exame dos diversos elementos colocados em análise, isto é, a estrutura ocupacional aliada ao tamanho e crescimento urbano, à produtividade e ao rendimento da população economicamente ativa.

Por sua vez, o contexto de mudanças introduzido na região deverá ser oportunamente interpretado à luz de trabalhos de acessibilidade e de modernização agrícola no Nordeste, efetuados no Departamento de Geografia da SUEGE, IBGE.

Um outro objetivo que pode ser alcançado com a identificação de classes funcionais de cidades diz respeito a escalas ou dimensões que

se referem ao espaço de contigüidade física. Estão aí compreendidos agrupamentos ou *clusters* que contêm diferentes tipos de cidades e que podem se configurar em áreas ou eixos, permitindo avaliar interdependências espaciais e funcionais. Mas também se consideram as estruturas dispersas dos centros que se caracterizam por certa homogeneidade de funções.

A "regionalização" do sistema urbano resultaria, assim, do entrosamento entre uma e outra das escalas acima referidas. Nessa ótica, assume-se a hipótese de que a estrutura urbana regional corresponde a interseções entre o sistema nacional de cidades, que tem representatividade no grupo das metrópoles e possivelmente algumas das capitais, e o subsistema regional tomado como um todo.

Do ponto de vista de interesses do planejamento, parece importante caracterizar essas interseções no que encerram de problemas do espaço regional. Um exemplo desses problemas seria a acentuação das desigualdades internas do Nordeste em função da distribuição de renda acarretada pela urbanização. Vários estudos apontam que a concentração de renda no interior do setor urbano, em oposição ao que ocorre dentro do setor rural, é superior a do Sudeste. Tais desigualdades também são relacionadas à industrialização, um dos fatores de metropolização regional, consubstanciada principalmente em Recife e em Salvador.

No entanto, as interseções também podem ser analisadas sob outros ângulos. Para certos autores (12), o crescimento de cidades nordestinas às expensas de contingentes rurais vem se constituir em fator de um "balanceamento" ou "homogeneização" intra-regional, na medida em que estruturas etárias dos setores urbanos e rural se tornem relativamente equivalentes. Deste modo, à proporção que a população e seus problemas se transferem para áreas urbanas maiores, as grandes cidades passam a se constituir em uma espécie de "resumo" da região, induzindo, em um momento no tempo, à imagem de uma "homogeneidade" intra-regional, como acima comentado.

As idéias aqui apresentadas a respeito de escalas do processo de urbanização regional e de suas interseções podem levantar aos tomadores de decisões questões sobre onde alocar recursos e sobre os padrões de distribuição urbano-espacial que se visa a implantar.

Nesse tocante, ainda que a título de referência, vale trazer à baila a noção de "tensões de escala", determinadas pela "incongruência que se cria entre a escala das necessidades da sociedade e a escala da organização de governo", cabendo, então, a este "maximizar a congruência de escala" (13).

Tomando como exemplo as escalas de espaço que dizem respeito a *clusters* de funções urbanas, pode-se dar aos responsáveis pelos investimentos uma percepção diferente da própria idéia de concentração. Significa dizer que a aplicação de recursos não deve, necessariamente, limitar-se a um ponto, mas a uma estrutura que implica, possivelmente, em interdependências entre diferentes localidades. Nessa estrutura, as interseções entre as escalas do processo de urbanização poderiam ser modificadas e direcionadas para uma divisão territorial do trabalho mais eficiente.

Por outro lado, na medida em que o sistema urbano vem se orientando para a escala da concentração, vale questionar sobre o papel a que ficarão relegadas outras escalas do processo urbano regional. Um problema de política urbana é até que ponto se pretende confinar o quadro urbano às maiores cidades, fazendo-as capturar funções de cidades menores. Ou, como antes comentado, até que ponto estas podem

se constituir em fator de integração mais equitativa de um sistema ainda muito dominado pela vida rural.

Nesse tocante, cabe lembrar que o planejamento tem geralmente implícita a idéia de intervenção sobre a urbanização, no que é adotada a premissa de que a difusão mais rápida e eficiente do desenvolvimento se faz através de um sistema hierarquizado de cidades, a partir das categorias superiores de centros até os níveis mais baixos.

Cabe lembrar, porém, que em apoio a uma posição distinta levantam-se pontos de vista que salientam a importância do segmento inferior do sistema urbano, isto é, das pequenas localidades como fonte de difusão de certo tipo de inovações ligadas, por exemplo, à preservação do meio ambiente, sobretudo em áreas predominantemente rurais.

Já antes, nesse mesmo trabalho, assinalamos outras considerações a respeito dos centros urbanos menores no Nordeste. Acresce, ainda, o papel que esse tipo de aglomerado exerce na atração de contingentes rurais, mesmo como etapas de migração. Distritos-sede de municípios com menos de 10.000 habitantes absorveram, no último decênio, 35,3% do total regional da migração rural-urbana (14), fenômeno que deve se refletir no próprio caráter de suas funções urbanas.

A guisa de introdução à classificação funcional de cidades nordestinas serão dados, em linhas gerais, aspectos do contexto regional em que estão inseridas, e características do emprego nos centros urbanos, com os resultados da análise fatorial e dos indicadores utilizados.

3. ASPECTOS DO CONTEXTO REGIONAL

Em apreciação global, o Nordeste se apresenta como região tradicional que se integra em uma estrutura nacional organizada em centro e periferia, sob condições de perda progressiva de posições relativas no País quanto à população total, quanto ao contingente urbano e quanto à renda, sendo nesta a perda proporcionalmente mais acentuada do que nos outros fatores.

Abreviando pontos de vista externados em diversos estudos, verifica-se que as relações inter-regionais no Brasil, de maneira geral, sofreram efeitos da acumulação urbano-industrial concentrada no Sudeste. Segundo Baer, W. e Geiger, P. P. (15), a adaptação do Nordeste se fez pela acentuação de seu caráter rural, considerando sua posição relativa face às demais regiões, quanto ao nível de urbanização.

Por sua vez, F. de Oliveira e R. Reichstul (16) mostram que, entre 1947 e 1968, Nordeste e Sul se tornaram mais exportadores de produtos agrícolas e mais importadores de produtos industrializados do Sudeste. Em outras palavras, na redivisão territorial do trabalho, a partir da concentração industrial na última área, aquelas unidades regionais, levadas a vender mais bens primários, se vêem afetadas por termos de troca deteriorados.

Acresce ainda que o Nordeste, com 17,6% do total da PEA do País no trabalho agrícola, em 1970, teve participação na renda nacional do setor de apenas 3,9%, enquanto o Sul aumentou sua contribuição.

A nível intra-regional, conforme assinalam Baer e Geiger (17), o Nordeste mostrou urbanização crescente nos anos 50 e 60. Entre 1940 e 1970 o setor primário registrou decréscimo de 13% na estrutura do emprego, enquanto o acréscimo na PEA industrial foi de 46% e na dos serviços, de 55%. No entanto, em termos de renda interna, somente o terciário acusou aumento na região.

Assinalam aqueles autores que no Nordeste a população urbana cresceu proporcionalmente mais (79%) do que a PEA industrial e terciária. Enquanto no Sudeste a urbanização mostra convergência com a industrialização em termos de emprego, no Nordeste se caracterizou uma divergência, uma vez que o processo de urbanização se colocou muito à frente do da indústria. Concluem, assim, que nesta região, a exemplo das demais, a urbanização foi também fator de adaptação inter-regional ao processo nacional de economia industrial, mas que aí se mostrou mais fraca.

Efetivamente, a taxa de população urbana no Nordeste é a menor das macrorregiões brasileiras. Tomando como indicador mais significativo de urbanização as cidades a partir de 20.000 habitantes, aquela região acusou apenas 23,8% e o Sudeste 57,9%, apresentando-se, sob esse prisma como única região urbanizada do País.

Deste modo, a despeito de incrementos superiores a 177% nos centros urbanos acima de 20.000 habitantes, ainda em 1975, 55% da população nordestina vivia no campo, correspondendo a quase 18 milhões de pessoas.

4. CARACTERÍSTICAS DA PEA NOS CENTROS URBANOS

Estas características serão examinadas com os resultados da análise fatorial, com indicadores de produtividade e de rendimentos e com dados de crescimento urbano entre 1950 e 1970, antecipando a classificação dos centros.

4.1. Resultados da Análise Fatorial

● Os FATORES: a análise fatorial introduz aos padrões de diversificação e especialização dos centros da região.

Os fatores figuram no quadro adiante (tabela 1) com as variáveis que os estruturaram, mostrando as seguintes características:

TABELA 1

| VARIÁVEIS | FATORES | | | |
|---------------------------------------|---------|--------|--------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 1 — PEA no Setor Primário | — 0,30 | — 0,71 | — 0,52 | — 0,33 |
| 2 — PEA nas Atividades Industriais | — 0,53 | — 0,60 | — | — |
| 3 — PEA na Construção Civil | — | — | — 0,90 | — |
| 4 — PEA no Comércio de Mercadorias | — 0,74 | — | — | — |
| 5 — PEA no Comércio Ambulante, etc. | — | — 0,57 | — | — |
| 6 — PEA na Prestação de Serviços | — 0,80 | — | — | — |
| 7 — PEA nas Atividades Sociais | — | — | — | — 0,80 |
| 8 — PEA nos Transportes, etc. | — | — 0,56 | — | — |
| 9 — PEA no Setor Administrativo, etc. | — | — | — | — 0,69 |
| 10 — PEA no Comércio de Imóveis, etc. | — 0,65 | — | — | — |
| % de explanação | 20,62 | 15,61 | 13,25 | 15,37 |

OBS.: Figuram apenas as variáveis com loadings iguais ou maiores que 0,30.

O fator I é aquele que permite ressaltar os centros mais terciários da região e o que apresenta a maior associação de variáveis. O *loading* negativo registrado pela variável PEA na indústria (-0,53), embora se contraponha aos *loadings* positivos das variáveis referentes ao setor terciário, não chega a caracterizar uma bipolarização do fator. Em outras palavras, as mais altas percentagens de PEA na indústria são encontradas em pequenos núcleos especializados nessa atividade, núcleos estes que acusaram *scores* negativos. Mas percentagens ainda expressivas da variável em questão podem também ser encontradas em alguns centros eminentemente terciários, isto é, em centros com *scores* positivos no fator.

Por sua vez, o *loading* da PEA no setor primário (-0,30) não é suficientemente forte para marcar uma oposição com as atividades terciárias ressaltadas pelo fator. Deste modo, o fator I expressa as estruturas mais diversificadas de cidades.

O fator II assinala uma oposição entre atividade urbana e rural ou, mais especificamente, entre o setor secundário e o setor primário. As outras atividades que participam de sua estrutura, isto é, transportes e comércio ambulante, são, por natureza, pouco expressivas para caracterizar uma diversificação. Deste modo, o fator II identifica especializações, sobretudo na indústria e na ocupação rural.

Por sua vez, o fator III é basicamente estruturado pela PEA na construção civil, não levando a distinguir propriamente especializações, posto que reflete, sobretudo, situações conjunturais.

Já o fator IV pode caracterizar especializações que se referem a setores do chamado terciário superior. Cabe observar, porém, que tais especializações são inferidas pelos *scores* mais altos nesse fator, *scores* estes que pertencem a um número relativamente limitado de grandes cidades. Aliás, o comércio de imóveis, seguros, etc., que participa do fator I e que igualmente caracteriza um setor do terciário superior, comparece principalmente nas metrópoles.

A posição dos centros nesses fatores, obtida pelos *factor scores*, pode ser observada na tabela 2, que figura em anexo.

No fator I os índices são hierarquizados, mostrando adaptação, em linhas gerais, a um sistema de localidades centrais. Vale dizer que as notas positivas mais altas ($\geq 3,00$) se encontram, via de regra, nas metrópoles e capitais, bem como em centros regionais importantes, decrescendo nas localidades de categorias inferiores das respectivas áreas de influência. *Scores* negativos extremos identificam pequenos centros industriais, sobretudo antigos núcleos têxteis e de produtos alimentares ($< -4,01$), e ainda os de áreas metropolitanas, que já comportam indústria moderna. Notas negativas também se referem a pequenas localidades de ocupação rural, no que se traduz a inexpressividade do terciário nestas localidades.

Por sua vez, no fator II os níveis positivos mais altos caracterizam a especialização na indústria, associada ou não ao emprego nos transportes e comércio ambulante. Verifica-se que a proporção maior da PEA industrial se encontra na faixa de cidades entre 15.000 e 30.000 habitantes.

A especialização no setor primário, que se posiciona negativamente na estrutura do fator, refere-se, particularmente, aos menores centros. Mais de 50% da PEA do setor primário que habita centros urbanos localiza-se em aglomerados com população inferior a 15.000 habitantes (tabela 5).

Naturalmente, nas cidades maiores dotadas de indústrias os *scores* desse fator são positivos, embora mais próximos da média ($> 1,01 <$

2,00). A atividade industrial se mostra relativamente importante nas metrópoles, onde se concentra 14,21% do total da PEA manufatureira do quadro urbano em estudo. Já em cidades de tamanhos intermediários, nas faixas de 30.000 a 150.000 habitantes, podem prevalecer atividades que se associaram à indústria nesse fator e que podem se relacionar à tradição das feiras no Nordeste, à dispersão característica da função portuária, e à expansão de nós rodoviários. Por sua vez, centros com notas em torno da média nesse fator podem mostrar a pouca significação dos setores de transportes e comércio ambulante, o que impede de realçar, em certos casos, a presença da atividade industrial, a exemplo de São Francisco do Conde.

Quanto ao fator III, os *scores* se relacionam, geralmente, aos padrões de crescimento urbano na região, na medida em que um crescimento urbano mais elevado deve responder por uma importância maior da construção civil. Saliem-se, assim, contrastes entre as metrópoles, em que Salvador obteve o *score* de -1,01 e Recife, -0,15, e contrastes entre as capitais, registrando-se os índices mais elevados em Aracaju e Teresina, além de outras cidades. No entanto, as notas mais altas se encontram em alguns centros pequenos, como nos da área metropolitana de Salvador, que tanto podem relacionar-se à expansão populacional da própria capital quanto às necessidades desenvolvidas pela implantação industrial, colocando-se a construção civil como opção para atividades pouco absorvedoras de mão-de-obra.

No fator IV os índices mais elevados se referem a Recife e capitais abaixo do nível metropolitano, onde se verificam percentuais mais elevados das atividades que compõem o fator (tabela 5). Estas posições podem ser explicadas por uma diversificação maior das atividades na metrópole pernambucana, enquanto naquelas capitais a maior participação relativa desta PEA sobressai, em função de uma variedade inferior em outros setores de atividades.

Índices elevados também se encontram em localidades pequenas e esparsas, respondendo, de certa forma, por uma extensão de serviços sediados ou representados nas grandes cidades, como são os postos da Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e outros. Merecem, igualmente, menção centros em que sobressai a função de defesa, notadamente a base aérea de Parnamirim, que registrou o índice mais alto nesse fator, ou Caicó que, ainda em 70, abrigava unidades de um batalhão de engenharia, principal agente de sua vida urbana.

As considerações que acabamos de tecer introduzem a uma caracterização dos centros. Identificam-se os de função especializada e as combinações que podem apresentar em associação com outras atividades. Identificam-se também os de função diversificada, que dizem respeito à prevalência do terciário e que, igualmente, admitem associação com outros setores de emprego.

● **PADRÕES ESPACIAIS:** relativamente aos padrões espaciais estruturados pelos diferentes fatores, verifica-se que a diversificação está relacionada principalmente à concentração de população urbana, enquanto localidades "especializadas", com ou sem atividades associadas, apresentam-se em centros menores e são, portanto, mais difundidas.

No fator I sobressaiem-se com notas positivas mais altas centros com certa estabilidade de crescimento urbano, como Recife ou São Luís; centros relacionados a áreas agrícolas importantes, como Ilhéus, Itabuna ou Crato; centros situados em certas posições geográficas, como Montes Claros, no norte de Minas, Vitória da Conquista e Jequié ao longo da BR-116, além de centros na isócrona de duas horas, aproxi-

madamente, a partir das respectivas capitais, como Caruaru, Feira de Santana ou Campina Grande, distância essa em que já competem com a cidade principal na prestação de certos serviços.

No tocante aos centros especializados identificados, como vimos, no fator I (com elevados *scores* negativos) e no fator II, distinguem-se dois padrões espaciais: os de localização com sentido de integração física e padrões de localização dispersa.

Os de localização com sentido de integração física implicam em diferentes escalas de contigüidade espacial:

— centros que estruturam áreas metropolitanas, como Jaboatão, Cabo e Paulista junto a Recife, ou Camaçari e Candeias junto a Salvador;

— centros que integram aglomerações urbanas, como Cabedelo e Santa Rita junto a João Pessoa, ou que se localizam próximos a capitais, como Rio Largo em relação a Maceió e São Cristóvão em relação a Aracaju;

— mas também se trata dos portos de Macau e Areia Branca que, apesar de não corresponderem à mesma escala de contigüidade física, são expoentes da produção salineira nordestina em uma área que abranje ainda Moçoró e Aracati.

Padrões espaciais dispersos referem-se:

— a pequenos centros que correspondem a pontos específicos de circulação fluvial-ferroviária, como Pirapora ou Propriá;

— centros que marcam antigas posições geográficas privilegiadas, como os núcleos têxteis de Valença, Neópolis ou Estância;

— centros que estão junto à matéria-prima, compreendendo desde as usinas de açúcar em Catende ou Palmares, aos beneficiamentos de arroz em Bacabal ou à exploração de recursos minerais no interior da Bahia.

Por sua vez, centros posicionados negativamente no fator 2 se identificam, como vimos, pela dominância da PEA urbana no setor primário, que absorve pouco mais de 8% do total considerado. Os padrões espaciais referem-se quer a localizações em áreas agrícolas densas, como as de Irecê, Arapiraca ou a do Brejo da Paraíba, quer a pontos dispersos nos sertões, em trechos isolados do norte do Maranhão ou dos chapadões ao sul do Piauí.

Centros que obtiveram notas negativas mais próximas à média apresentam associação com outra atividade, geralmente serviços ou construção civil. Mais comumente, trata-se de centros que registram grande incremento demográfico e/ou situados junto a eixos de circulação, como Imperatriz.

A nível de macrorregião, verifica-se que os traços gerais dos padrões espaciais estruturados pelo fatores dizem respeito à concentração de atividades na faixa de maior densidade populacional e econômica, que se configura na litoralização do sistema, em oposição à distribuição esparsa no interior; nesse interior assinala-se o papel das principais rodovias na disposição de cidades que mostram certa projeção no quadro urbano regional, especialmente Teresina, enquanto em Montes Claros, até recentemente, prevaleceu a tradicional posição de ponta de trilho.

4.2. Apreciação dos Indicadores de Produtividade Média e Rendimentos Médios

As considerações acima levam também a enquadrar esses resultados obtidos na análise fatorial, a respeito de características do emprego urbano, com pontos de vista expostos em outros trabalhos; introduzem, também, a apreciação dos *indicadores de produtividade média e rendimentos*, e a do *crescimento urbano* do conjunto em estudo.

No já citado trabalho de Baer e Geiger, o terciário é encarado como fator de distribuição inter-regional da renda. A expansão do setor em emprego e renda na estrutura interna de cada região é atribuída, em parte, ao aumento de inter-relações entre setores e entre regiões, principalmente com o Sudeste, aumento esse promovido pela economia urbano-industrial. Sob essa ótica, salienta-se que o crescimento do terciário também se relacionou, portanto, a uma dimensão nacional.

Por sua vez, F. de Oliveira e M. Reichstul (18) consideram que o setor serviços é o que tem mostrado participação relativamente mais constante na divisão inter-regional do trabalho. Esta sensibilidade menor a alterações no tempo diz respeito à baixa capitalização que caracteriza o setor, cuja função de produção se apóia em uma "ilimitada oferta de mão-de-obra".

Inegavelmente, no País como um todo, mais de um terço da população economicamente ativa é absorvida pelos serviços, que representam, aproximadamente, a metade do produto interno. Dado a fraca representatividade da indústria nesses agregados, estas condições vêm caracterizar um nível econômico baixo, levando em conta que parcela considerável do setor serviços se refere a atividades tradicionais, típicas de quadros pouco desenvolvidos.

Não obstante, tem se assinalado (19) que, no referido setor, os índices mais elevados de crescimento relativo dizem respeito a subsectores mais modernos, como os de atividades sociais e profissões liberais, e o de comércio de imóveis e de valores imobiliários, crédito, seguro e capitalização. Acresce ainda que, de modo geral, se admite que a expansão desse terciário está ligada à atividade industrial. A eles se soma a promoção do ramo de transportes, comunicação e armazenagem.

Mas no conjunto urbano em estudo os fatores I e II obtidos na análise fatorial colocam em questão estas características gerais apontadas quanto a um comportamento "industrial" do terciário. Em outras palavras, atividades que implicam em ocupações marginais absorvedoras de mão-de-obra "residual", como são, na prestação de serviços, o emprego doméstico ou o de confecções e reparação de vestuário, no comércio de mercadorias, o de gêneros alimentícios e o ambulante integram-se num e noutro fator com atividades que se referem a um estágio mais avançado do terciário, isto é, aquele que estaria acompanhando a industrialização. Recordar-se aqui que, realmente, a PEA na atividade industrial mostrou *loading* negativo no fator I, no qual o comércio de imóveis, crédito, etc. se faz, porém, presente. No fator II, a PEA na indústria é acompanhada pela PEA nos transportes, mas igualmente pela PEA no comércio ambulante (tabela 1).

Reafirma-se, assim, que nos fatores I e II estão presentes atividades que tanto se relacionam à urbanização regional, isto é, ao crescimento da população nas cidades, como as atividades que se relacionam à expansão do processo nacional urbano-industrial. Já nos fatores III e IV as atividades ligadas, respectivamente ao processo regional e ao nacional, estão individualizadas.

As características apontadas nos fatores I e II traduzem, certamente, o nível de industrialização da região, bastante baixo no contexto nacional.

Por sua vez, os *indicadores de produtividade e de rendimentos médios da PEA urbana*, que permitem inferir condições econômicas e sociais, fornecem uma imagem da frágil situação do conjunto urbano em estudo. Como se pode verificar na tabela 3, o Nordeste, no Brasil, registra os valores mais baixos nos serviços, comércio e na transformação industrial. O quadro urbano em estudo, que representa um conjunto não comparável ao das regiões, também aponta para produtividades que podem ser consideradas fracas e para rendimentos médios precários (tabela 4). De acordo com os coeficientes de variação, os maiores contrastes se verificam na receita do comércio, cuja posição dominante faz evocar uma estrutura de caráter ainda mercantil.

TABELA 3

Produtividade per capita observada nos setores de atividade

| ESPECIFICAÇÃO | RECEITA DO COMÉRCIO | RECEITA DE SERVIÇOS | VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL |
|---------------|---------------------|---------------------|-----------------------------------|
| | mil cruzeiros | | |
| Brasil | 79,6472 | 13,4640 | 20,3103 |
| Nordeste | 41,4018 | 6,8550 | 11,4413 |
| São Paulo | 116,4430 | 17,3068 | 23,9690 |

TABELA 4

Produtividade per capita e rendimentos médios

| INDICADORES | RECEITA DO COMÉRCIO /PESSOAL OCUPADO | RECEITA DOS SERVIÇOS /PESSOAL OCUPADO | VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL /PESSOAL OCUPADO | RENDIMENTOS MENSIS DA PEA URBANA (1) |
|--------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------|--|--------------------------------------|
| | mil cruzeiros | | | cruzeiros |
| \bar{x} | 29,3527 | 4,7049 | 9,4798 | 184,1420 |
| γ | 34,0110 | 2,1027 | 9,9412 | 52,2066 |
| Coefficiente de Variação | 1,1587 | 0,4469 | 1,0487 | 0,2835 |

FONTES: Censos Comercial, de Serviços, Industrial, 1970 e Tabulação Especial do Censo Demográfico, 1970.

NOTA: Dados correspondentes a 254 distritos-sede da Região Nordeste.

(1) Para os cálculos, ver referência na página

Nas suas implicações geográficas, estas análises, que conduziram a uma apreciação global do conjunto urbano através de valores médios, levam a considerar o nível dos centros e fazem conjecturar que aquele terciário mais representativo da industrialização pode encontrar expressão nas grandes cidades, principalmente nas metrópoles. Efetivamente, centros que obtiveram *scores* elevados no fator I também apresentam atividade industrial importante. Além disso, suas notas acima da média no fator II tiveram correspondência com *scores* altos no fator IV.

Por outro lado, deve-se salientar que a média baixa registrada pelos rendimentos no quadro urbano em análise (tabela 4) remete ao problema social particularmente grave de 87 centros, cujos *scores* ficaram abaixo da média. No tocante à relação entre valor da transformação industrial e pessoal ocupado, apenas 44 cidades mostraram índices acima da média, mas aí também figuram aglomerados que, em termos absolutos, não tem qualquer expressão na atividade em questão (ver tabela 7.1, em anexo).

Essas considerações introduzem ao exame das condições de produtividade e rendimentos, com base na teoria da concentração. Segundo a teoria, atividades de maior valor adicionado ou de preços mais competitivos tendem a localizar-se nas grandes aglomerações, enquanto as de baixo valor se mantêm ou se transferem para centros menores.

Tais premissas servem a uma hipótese baseada no exame da participação relativa da PEA por faixas de tamanho de cidade (tabela 5). Estabelece-se que as atividades cuja proporção é mais elevada, em média, nos centros de dimensões inferiores seriam menos produtivas do que nos centros maiores, o que é testado pelos indicadores adotados. Deste modo, a apreciação da produtividade e rendimentos no quadro urbano em análise leva em conta os *tamanhos de cidades e sua relação com as atividades*.

Para tanto, fez-se uso dos seguintes elementos:

— a distribuição da PEA por tamanhos de cidades (tabela 5), através da qual se verifica que as proporções nas atividades industriais, no comércio de mercadorias, nos transportes e comércio ambulante, e ainda na construção civil apresentam percentuais mais elevados em centros nas faixas de tamanhos intermediários e pequenos. Já os percentuais da PEA na prestação de serviços e nas demais atividades crescem com o aumento do tamanho urbano. Por outro lado, os coeficientes de variação registrados pelas atividades nesse conjunto de cidades mostram tendências a concentração em diversos setores, inclusive em alguns daqueles que apresentam percentuais mais elevados da PEA em faixas de tamanhos urbanos pequenos e intermediários. As atividades industriais, por exemplo, acusam o índice de dispersão mais forte, com 0,70 (tabela 6);

— as medidas padronizadas de produtividade nos serviços, comércio e indústria e de rendimentos médios mensais da PEA urbana, que figuram em tabelas mais adiante, ao lado de cada classe de cidades (tabela 7.1). Nelas se constata que condições econômicas e sociais precárias estão freqüentemente ligadas a certas especializações e a um tamanho urbano menor.

Assume-se, então, que segmentos “modernos” ou mais eficientes e “tradicionais” ou mais improditivos se acham embutidos na mesma atividade, e que os segmentos modernos prevalecem nos centros de categoria populacional maior. Vale dizer que aquelas atividades, cujos percentuais mais elevados se encontram em cidades de tamanhos me-

nores, corresponderiam às parcelas menos eficientes da respectiva atividade, seja a indústria seja o comércio de mercadorias e outros.

Detendo-nos na atividade industrial, verifica-se que a especialização em pequenos centros de um gênero tradicional, como o têxtil, mostra geralmente *scores* padronizados inferiores à média, na relação VTI/pessoal ocupado, como em Neópolis e São Cristóvão ou em Santa Rita, Bayeux e Moreno que, no entanto, ocupam níveis máximos na estrutura do fator II. *Scores* de produtividade mais altos se referem, via de regra, a centros das áreas metropolitanas de Recife, como Paulista e Cabo, e principalmente aos centros petroquímicos de Salvador.

TABELA 5

Distribuição da PEA urbana por classes de tamanho de cidades (254 distritos-sede selecionados) 1970

| DISTRITOS-SEDE | | PEA URBANA TOTAL | VALORES PERCENTUAIS | | | | | | | | | | |
|------------------|-------------------|------------------|---------------------|------------------------|------------------|-------------------------|--------------------|-----------------------|--------------------|-------------|-------------------------|---------------------|------|
| POPULAÇÃO URBANA | N.º | | Setor Primário | Atividades Industriais | Construção Civil | Comércio de Mercadorias | Comércio Ambulante | Prestação de Serviços | Atividades Sociais | Transportes | Serviços Governamentais | Comércio de Imóveis | |
| | 7.000 | 47 | 52,398 | 30,40 | 11,65 | 10,30 | 9,20 | 2,57 | 17,25 | 7,31 | 5,58 | 4,67 | 1,08 |
| V | 7.000 a 15.000 | 112 | 271,552 | 25,30 | 12,74 | 10,62 | 10,58 | 2,75 | 18,38 | 7,30 | 6,54 | 4,44 | 1,32 |
| V | 15.000 a 30.000 | 55 | 272,153 | 16,01 | 16,25 | 11,45 | 11,38 | 4,02 | 19,45 | 7,41 | 7,24 | 5,14 | 1,65 |
| V | 30.000 a 50.000 | 16 | 145,856 | 14,26 | 12,97 | 11,14 | 13,60 | 4,53 | 21,40 | 7,28 | 7,89 | 5,15 | 1,78 |
| V | 50.000 a 150.000 | 13 | 261,339 | 7,47 | 13,69 | 11,28 | 14,12 | 4,90 | 25,95 | 7,55 | 8,14 | 4,52 | 2,41 |
| V | 150.000 a 251.000 | 8 | 415,852 | 2,67 | 11,48 | 10,67 | 12,51 | 3,79 | 25,08 | 11,57 | 7,33 | 12,06 | 2,85 |
| V | 251.000 | 3 | 824,726 | 1,78 | 14,21 | 9,81 | 12,49 | 3,95 | 27,13 | 10,24 | 7,54 | 9,09 | 3,75 |
| TOTAL | | 254 | 2.243.876 | 8,66 | 13,57 | 10,53 | 12,31 | 3,90 | 24,02 | 9,21 | 7,39 | 7,71 | 2,69 |

FONTE: Tabulação Especial do Censo Demográfico de 1970

TABELA 6

Parâmetros selecionados das proporções da PEA urbana no distrito-sede em 10 ramos de atividades nas 254 cidades selecionadas (1970)

| RAMOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA | MÉDIA % | DESVIO PADRÃO | COEFICIENTE DE VARIAÇÃO |
|---|---------|---------------|-------------------------|
| 1. No setor primário | 21,66 | 13,81 | 0,64 |
| 2. Nas atividades industriais, exceto inds. de construção | 13,45 | 9,42 | 0,70 |
| 3. Nas inds. de construção | 10,73 | 5,35 | 0,50 |
| 4. No com. de mercadorias, exceto feiras, mercados e com. ambulante | 10,96 | 3,39 | 0,31 |
| 5. No com. ambulante, feiras e mercados | 3,18 | 2,12 | 0,67 |
| 6. Na prestação de serviços | 19,04 | 5,71 | 0,30 |
| 7. Nas atividades sociais | 7,59 | 2,50 | 0,33 |
| 8. Nos transportes, comunicações e armazenagem | 6,79 | 3,73 | 0,55 |
| 9. Serviços adm. governamentais, leg. justiça, seg. pública | 5,10 | 3,10 | 0,61 |
| 10. Com. de imóveis e val. mobiliários, créditos, seguros e capitalização, prof. liberais | 1,50 | 0,95 | 0,63 |

FONTE: Tabulações Especiais do Censo Demográfico de 1970.

Deste modo, a medida de produtividade adotada para o valor da transformação industrial confirma a tendência de se apresentarem, em localidades menores, as atividades mais improdutivas. Centros de áreas metropolitanas já se constituem, na verdade, em extensão da cidade central. Por outro lado, do ponto de vista dos rendimentos, confirma-se, igualmente, que indústrias de tecnologia mais atrasada influem em rendimentos inferiores da PEA, como ocorre em Santa Rita, Bayeux e outros, enquanto particularmente nos da área metropolitana de Salvador se registram valores mais altos.

Quanto ao comércio de mercadorias, verifica-se que naquelas faixas de cidades em que a PEA se mostra percentualmente mais alta prevalece geralmente o ramo varejista de gêneros alimentícios. A este também pode se acrescentar a coleta e comercialização de certos produtos agrícolas, caracterizando centros como pontos de operação no aparelho de exportação, setor esse em atraso devido à restrita pauta de diversificação regional, basicamente representada ainda pelo açúcar, cacau e algodão, e, portanto, não atingido pelos incentivos do governo que se voltam para a exportação de manufaturados. Comumente se referem a unidades familiares, o que faz avolumar nos dados censitários a categoria de "empregadores".

Indicadores utilizados para a avaliação da produtividade no comércio registraram para centros tradicionais de coleta e comercialização agrícola, como Iguatu, Souza e Patos, os *scores* padronizados entre -0,07 e 0,29, enquanto Campina Grande e Montes Claros, centros comerciais mais complexos, se situaram acima de 1 (um) desvio padrão positivo (tabela 7.1).

As proporções da PEA nos setores de transporte, armazenagem e comunicação e no comércio de Ambulante, Feiras e Mercados mostraram-se mais acentuadas em faixas de tamanhos intermediários de cidades. Paralelamente, é nestes centros que se observa carência de emprego em setores terciários, justificando o papel do comércio ambulante e das feiras, portanto de atividades de baixa remuneração na sua vida urbana.

Trata-se, porém, de centros em que essas condições são diferenciadas, de vez que tanto se referem a núcleos de indústrias tradicionais de localização dispersa quanto a centros portuários, quase sempre obsoletos, associados ou não à indústria, e ainda a centros que integram áreas metropolitanas, onde há recurso ao equipamento da cidade central.

Verifica-se, assim, que no tocante a condições de vida da população, os rendimentos mensais são inferiores à média, não só naqueles centros de indústria mais antiga já mencionados como nos portos de Areia Branca, Aracati ou Cabedelo.

Por sua vez, localidades identificadas pela dominância da PEA no setor primário figuram, geralmente, com os mais baixos índices de rendimento e de produtividade nas diferentes atividades. Sob vários aspectos, confirmam, assim, seu caráter de extensão do mundo rural.

Quanto à construção civil, para a qual também não se dispôs de medidas de avaliação específica de produtividade, trata-se, geralmente, de uma atividade de baixa remuneração, em função da pouca exigência de mão-de-obra qualificada. Verifica-se, assim, que alguns centros registraram notas elevadas na construção civil, como Salgueiro e Ouricuri, mas os *scores* padronizados nos rendimentos estão entre 0 e 0,16, isto é, na média; no entanto, em localidades onde esse emprego está associado ao da indústria de transformação, as posições nos rendimentos são elevadas, como nas da área metropolitana de Salvador ou em Paulo Afonso.

No tocante às *grandes cidades*, constata-se que absorvem uma gama de atividades mais complexa, compreendendo desde aquelas que respondem pelas relações extra-regionais até as de categoria local. Assim, a prestação de serviços apresenta uma diversificação não comparável com a dos centros de tamanho inferior, quer pelas necessidades de especialização para um atendimento em massa quer pelas interdependências que se criam com outros setores de atividades. Mas também se caracteriza pela proliferação de empregos de fraca produtividade e remuneração.

Relativamente à ocupação na Indústria, evidencia-se que o sistema de incentivos fiscais induziu a concentração de gêneros "dinâmicos" e/ou de gêneros "tradicionais" reequipados e recentes nas metrópoles e, secundariamente, em algumas das capitais nordestinas. Basta lembrar que 77,5% do valor dos recursos aprovados pela SUDENE, em 1970, tinham como destino os Estados de Pernambuco, Bahia e Ceará, dos quais 55% canalizados para as respectivas áreas metropolitanas.

Não obstante, cabe assinalar que, a despeito das mudanças na estrutura industrial da região, em que a modernização acarretou declínio proporcionalmente maior no emprego do que no centro sul, ainda em 1970, 43% da PEA manufatureira nordestina se encontravam nos gêneros têxtil e produtos alimentares. Se bem que a modernização tenha implicado em declínio relativo menor no valor da transformação industrial do que na PEA regional, a implantação de gêneros dinâmicos desempenha papel ainda pouco significativo na estrutura da indústria. Sobressai a petroquímica que, no entanto, é de geração limitada de emprego. Deste modo, centros que integram a área metropolitana de Salvador apresentam *scores* dos mais elevados na eficiência da indústria, mas a participação maior da PEA é na construção civil, como antes mencionado.

No tocante ao comércio de mercadorias, por exemplo, Recife e Salvador são ainda as principais praças de comercialização de produtos agrícolas da região. Aspectos de modernização no setor tem lugar sobretudo nas metrópoles e capitais, como foi a instalação de centros de abastecimento a partir de 1969. Por outro lado, é nas maiores cidades que o comércio ligado a produtos industriais diversificados tem representatividade. Mas, paralelamente, o comércio ambulante, etc. absorve nas metrópoles quase 4% da PEA, isto é, pouco acima da média do conjunto urbano em estudo.

Por sua vez, mesmo aqueles setores do chamado terciário superior, incluídos nas atividades sociais e serviços administrativos, estão envolvidos com estruturas tradicionais. Trata-se de atividades cujas raízes se encontram nas características históricas da função administrativa do País. Na verdade, o superdimensionamento que lhes tem sido atribuído advém, certamente, do legado paternalista da atuação oficial.

A hipótese inicial, baseada na teoria da concentração, se vê, portanto, confirmada, em linhas gerais, uma vez constatado que diversificação e tamanho urbano maior apresentam superioridade econômica e social no conjunto de cidades em estudo, levando a inferir que as condições mais favoráveis de produção e consumo se encontram nas áreas metropolitanas de Salvador e Recife. Pode-se também presumir que nelas tem representatividade maior aquele terciário ligado à industrialização.

Mas contextos regionais distintos influem, por sua vez, nas diferenciações de produtividade e de rendimentos não só entre as grandes cidades como entre os demais aglomerados do quadro urbano em pauta. Remetemos, assim, mais uma vez, à tabela 7.1.

Verifica-se que, entre as capitais, diferenciações podem advir dos índices de produtividade industrial, no que ressalta o papel da posição geográfica e o das seleções prioritárias de implantação fabril, formuladas pela SUDENE. Desse modo, Recife e Salvador estão à frente, com scores acima da média; Natal também se apresentou nessa posição, enquanto São Luís acusou índice inferior à média.

Verifica-se, por outro lado, que a produtividade média no comércio se eleva em centros onde o setor atacadista responde por grande parte do valor da receita total e absorve número reduzido de pessoal ocupado. Explicam-se, assim, posições superiores de Maceió em relação a Natal, de Crato em relação a Juazeiro do Norte, de Arcoverde em relação a Caruaru. Essas características levam a conjecturar que a produtividade comercial ligada ao setor atacadista implica também em determinados distanciamentos entre cidades ou em certa "lógica espacial".

Mais uma referência diz respeito ao próprio tamanho das cidades e à estrutura econômica que preside a vida urbana. A dinâmica do Estado da Bahia faz ressaltar a posição de centros comerciais de dimensões médias, no tocante a níveis relativamente mais favoráveis em rendimentos e na produtividade em serviços e comércio, como Vitória da Conquista, Ilhéus, Itabuna ou mesmo Feira de Santana, esta já mais envolvida na industrialização. Acresce ainda que centros pequenos e muito pequenos podem revelar também condições favoráveis ou em rendimentos ou em uma atividade, o que se verifica em alguns aglomerados ligados a certo dinamismo da vida agrícola ou industrial, como Imperatriz, ou Boquira e Paulo Afonso.

No entanto, faz-se necessário ressaltar que os indicadores utilizados para aferir posições na produtividade e rendimentos podem atribuir níveis elevados a certos centros, correspondendo, porém, a situações inexpressivas em termos de recursos, isto é, envolvem um *per capita* com números absolutos insignificantes. Por exemplo, Várzea da Palma, no norte de Minas, com 51 pessoas ocupadas em serviços e com nota negativa no fator I, apresentou o mais alto score na receita do setor. Centros industriais, que também se identificaram negativamente naquele fator, podem ser incluídos no mesmo caso, como Goiana e Cabo ou Simões Filho e Catu, ou ainda São Francisco do Conde, que obteve a nota máxima na receita do comércio.

Deste modo, entre as principais observações quanto a condições de produtividade e rendimentos, podem-se apontar:

— que posições superiores em uma ou outra das condições se relacionam, via de regra, a tamanho urbano mais importante, como antes mencionado. Por outro lado, o setor industrial, que apresenta produtividade menor em certas cidades grandes, não concorre para deslocá-las de uma situação relativamente mais favorável em termos de rendimentos, ou seja, de uma posição acima da média do conjunto. Traduz-se aí o papel que já parecem desempenhar as economias de aglomeração. Já no caso particular das cidades baianas citadas tem-se, sobretudo, a influência da estrutura mercantil do estado, comprovando, até certo ponto, que uma produtividade no comércio e serviços pode atenuar diferenciações sócio-econômicas entre cidades dotadas ou não de função industrial mais importante;

— que posições elevadas em rendimentos nem sempre se compatibilizam com as de valores superiores na produtividade do comércio, serviços e indústria, apontando em certos casos para questões mais agudas de concentração de renda, de desemprego e subemprego, entre outras. Nessas condições, reconhece-se, sobretudo, o reflexo de problemas de contexto regional originados, frequentemente, da vida rural.

Em algumas cidades a defasagem se caracteriza pelas posições mais favoráveis em rendimentos do que na produtividade, como em Teresina ou João Pessoa, mas um distanciamento mais acentuado, nesse particular, se verifica em Imperatriz ou Lagarto. Em outras cidades um *score* superior na receita comercial não se faz acompanhar pelos dos rendimentos e serviços, como se pode notar em Campina Grande, mas principalmente no Crato ou em Arcoverde. Por sua vez, a produtividade de centros especializados na indústria nem sempre é seguida de uma posição mais favorável em rendimentos, no que se diferenciam núcleos das áreas metropolitanas de Recife e de Salvador, aqueles correspondendo a estruturas urbanas mais antigas;

— que certa conciliação entre os diversos indicadores pode ser observada em situações desfavoráveis, isto é, nos *scores* médios ou inferiores à média registrados por grande número de cidades. Centros regionais tradicionais, como Sobral, Juazeiro do Norte e Moçoró apresentaram valores médios na produtividade, mas, em rendimentos, os dois primeiros se situaram em quase 1 (um) desvio padrão negativo. Centros cuja especialização se refere a indústrias antigas, a condições portuárias obsoletas ou à dominância da ocupação no setor primário, acusam, quase sempre, *scores* baixos tanto nos rendimentos como na produtividade. Tais situações são reveladoras de estruturas sociais muito precárias.

Concluindo o comentário, deve ser salientado que o comportamento dos centros face à produtividade das diversas atividades e aos rendimentos nos dá idéia de suas condições econômicas e sociais, permitindo assinalar diferenciações dentro de grupos ou classes de cidades definidos pela mesma estrutura ocupacional.

4.3. Análise do Crescimento Urbano

Por sua vez, a *análise do crescimento urbano* entre 1950/60 e 1960/70 (Tabela 7.2) mostra, em linhas gerais:

— que a urbanização não se refere apenas ao incremento populacional de grandes cidades ou ao afluxo migratório para uns poucos pontos; ao contrário, mostra-se difusa, abrangendo numerosas localidades pequenas e confirmando o que anteriormente mencionamos a respeito de seu papel como etapas de migrações. Na verdade, nessa categoria de centros encontram-se, em termos relativos, os maiores aumentos, como em Guadalupe e Imperatriz a que também correspondem às posições mais elevadas nos percentuais de crescimento em relação ao total;

— que, independentemente do tamanho urbano, se registram ritmos de crescimento relativo acentuado nos dois períodos considerados e ritmos desiguais que tanto podem se referir a uma sensível elevação na década de 60 quanto ao inverso, isto é, aumento na década de 50 seguido de queda no período seguinte. Entre os primeiros citam-se Teresina, Montes Claros ou Florianópolis que, inclusive, sobressaem nas percentagens em relação ao total e Salvador ou Aracaju, cujos crescimentos, apesar de apenas próximos das médias dos períodos considerados, ainda são expressivos de per si. Entre os que se caracterizam por ritmos desiguais citam-se Fortaleza ou Vitória da Conquista, Orós ou Monte Azul, que cresceram mais no primeiro período e Juazeiro ou Petrolina, Ouricuri ou Pacajus, que sobressaíram na década seguinte;

— que, não obstante, já apresenta certa estabilidade demográfica em centros grandes, como na cidade de Recife ou em São Luís e centros de tamanhos intermediários, como Campina Grande e Caruaru;

— que um decréscimo ou esvaziamento urbano mais acentuado se verifica em alguns bolsões correspondentes a antigas estruturas de pequenos centros, como o Brejo da Paraíba e o Recôncavo baiano.

Constata-se, portanto, que a teoria da diversificação, que relaciona tamanho das cidades e crescimento, mencionada na parte inicial do trabalho, nem sempre se vê confirmada no conjunto urbano em análise. Centros urbanos grandes e diversificados acusam ainda crescimento acentuado, no que se inclui a área metropolitana de Recife. Por outro lado, centros especializados tanto podem apresentar aumentos quanto declíneos contínuos de população, como é o caso de núcleos de indústria antiga.

Em termos relativos, crescimentos acentuados ocorreram na especialização, mas correspondem aos aglomerados das áreas metropolitanas de Salvador e de Recife e a um ou outro pequeno centro onde os aumentos foram espetaculares. Trata-se de aglomerados que se localizam junto à matéria-prima, como Boquira e Brumado, em relação ao extrativismo mineral, Imperatriz quanto à expansão agrícola na Belém—Brasília, ou localizam-se também junto a obras hidrelétricas, como Guadalupe e Paulo Afonso.

Não obstante, certa estabilidade de crescimento no período 1960/70 parece caracterizar-se em centros regionais de dimensões intermediárias desde Campina Grande a Garanhuns, ou Crato. Presume-se que, para um mesmo período de tempo, essa categoria de centros mostre tendências a um menor incremento urbano do que os pequenos aglomerados e do que as metrópoles e capitais que passam a integrar localidades vizinhas. Essas tendências poderão estender-se a centros de funções e portes equivalentes que acusaram aumento populacional mais acentuado na década de 60, como são os da Bahia.

Constata-se, assim, que certos centros regionais de tamanhos intermediários não se caracterizam por um dinamismo populacional maior no sistema urbano em pauta. Sofrem concorrência das grandes aglomerações e, a um tempo, das localidades pequenas no afluxo de migrantes da região, no que se caracteriza um fator de fraca articulação no espaço regional do Nordeste.

Pode-se, então, concluir que, nos aspectos gerais da urbanização da região, se refletem sobretudo implicações da política nacional, quer na indução subsidiada do crescimento econômico que favorece principalmente os grandes centros quer na expansão da acessibilidade na região que tem feito aumentar a população de centros pequenos e médios; também se refletem condições da própria vida agrícola regional.

O crescimento urbano oscilante pode, por exemplo, ser caracterizado nas posições ao longo de um mesmo eixo rodoviário, em que centros se suplantam a outros, sucessivamente no tempo, como Vitória da Conquista em relação a Jequié, Souza em relação a Patos, Piri-piri em relação a Campo Maior. Pode, igualmente, caracterizar-se pelo ritmo de esvaziamento das áreas rurais circundantes, responsável por aumentos relativos intensos em pequenos aglomerados, num dado momento no tempo, como em Oeiras (PI); São João dos Patos (MA) ou em Pentecoste (CE) e Cuité (PB).

No entanto, cabe assinalar as condições agrícolas que, em termos relativos, têm assegurado crescimento elevado e contínuo a centros como Arapiraca, Picos ou Irecê, ou aos que se localizam na retaguarda de frentes pioneiras, como Bacabal. Tais condições merecem, portanto,

atenção especial das esferas de decisão, quer pelo exemplo espontâneo que parecem oferecer de fixação de população quer pelas necessidades de desenvolver seu papel de intermediários entre segmento urbano e rural.

A relação entre essas formas de crescimento e a situação dos centros quanto a rendimentos e produtividade média das atividades, acrescenta elementos às análises anteriores. Como observações principais e, a grosso modo, podem apontar-se:

— que o crescimento urbano parece não influir em condições onde há certa compatibilização entre valores mais favoráveis nos rendimentos e de modo genérico na produtividade, como se verifica nas maiores cidades. Via de regra, exceção feita à ocupação industrial, aquelas condições podem encontrar-se em centros com diferentes formas de comportamento populacional, isto é, tanto em Montes Claros e Feira de Santana como em Ilhéus; tanto em Salvador como em Recife;

— que o crescimento urbano parece também não ter vinculação com condições em que há certa compatibilização nos valores de rendimentos e produtividade mais desfavoráveis, como ocorre em centros menores e sobretudo nos de tamanho pequeno, como, por exemplo, Tauá ou Piri-piri, entre outros;

— que em certos centros um crescimento urbano elevado parece estar mais relacionado a um posicionamento melhor nos rendimentos, face ao da produtividade. Seriam os casos de Teresina e João Pessoa ou de Lagarto, Imperatriz e Guadalupe, nos quais os índices nos rendimentos prevalecem sobre os das atividades. Em outros, um crescimento urbano acentuado pode, porém, ligar-se a rendimentos mais baixos do que a produtividade, como em Sobral e Juazeiro do Norte;

— que o crescimento urbano contribui também para a diferenciação de estruturas metropolitanas e de aglomerações urbanas na região. O aumento populacional em centros industriais das áreas metropolitanas de Recife e de Salvador não interfere na produtividade da indústria, mas tem a ver com posições inferiores nos rendimentos da área da capital pernambucana. Em centros da área metropolitana de Fortaleza encontram-se decréscimos populacionais que se relacionam à dominância da ocupação no setor primário e a níveis de vida baixos, sobretudo em Aquiraz. Por sua vez, nas estruturas de aglomerações urbanas (20) o aumento de população tanto pode estar relacionado a baixas condições econômicas e sociais, como em Timon (Teresina), mas sobretudo em Bayeux (João Pessoa), quanto a um nível de rendimentos superior, como em Parnamirim (Natal);

— que o declínio ou estagnação populacional se relacionam a baixos níveis sociais e econômicos em pequenos centros de estruturas regionais antigas, como em Guarabira e nos já mencionados núcleos têxteis e de produtos alimentares esparsos, levando a constatar a precária situação de iniciativas empresariais locais. Por outro lado, o declínio demográfico pode levar, paradoxalmente, a uma imagem de sobreequipamento em certos centros de serviços, na medida em que aí se registraram condições superiores à média em rendimentos e algumas atividades, com exceção da indústria. Servem de exemplo localidades decadentes, como Belmonte ou Nazaré.

5. CLASSIFICAÇÃO DAS CIDADES

As classes de cidades foram estabelecidas mediante uma análise de agrupamento, tendo como dados de entrada os *scores* da análise fa-

torial. No processo de classificação foram utilizados dois cortes, representando graus de generalização diferentes: o primeiro, implicando em 43% de perda de detalhe, identificou grupos ou classes de centros, representados por números de 1 a 18; o segundo corte, atingindo a 31% na perda de detalhe, definiu nove agrupamentos de centros, representados no dendograma (figura 1) por letras de A a I.²

O primeiro nível foi o adotado para a classificação, dado a maior similaridade intragrupo aí verificada. Contudo, a ordenação dos grupos não corresponde à numeração que consta no dendograma. Obedece a uma seqüência na qual foi levada em conta a estrutura das atividades dominantes nos centros, determinada pela posição de cada atividade face à respectiva média nesse quadro urbano. Tornou-se possível distinguir agrupamentos segundo:

— a dominância de uma função, com suas gradações, isto é, desde uma proporção acentuada da PEA até sua combinação com outras atividades;

— a associação de funções a partir de uma das atividades dominantes, traduzindo certa equivalência na posição das atividades em relação às respectivas médias;

— a dominância da diversificação, com diferenciações baseadas na projeção de uma ou mais atividades e admitindo também associação com outros setores.

Reconheceram-se, portanto: a dominância da PEA no setor primário e associações (grupos ou classes de 1 a 7); a dominância da PEA nas atividades industriais e associações (grupos ou classes de 8 a 11); a dominância da PEA no setor terciário e associações (grupos ou classes de 12 a 18) que constam da tabela 8.

A complementação da análise das classes de cidades se faz com elementos já comentados, isto é, os indicadores de produtividade e rendimentos, assim como tamanho e formas de crescimento urbano. São elementos que tanto se prestam a diferenciar os agregados ou agrupamentos maiores quanto a distinguir internamente os grupos que os constituem.

5.1. Dominância da PEA no Setor Primário

Nesse agrupamento reuniram-se cinco classes de centros (classes de 1 a 5), com um total de 87 localidades, que absorvem pouco mais de 9% do total da PEA. Basicamente, caracterizam-se pelas elevadas proporções no setor primário, entre 29 e 69% dos respectivos totais da PEA e pelo tamanho geralmente pequeno e muito pequeno, uma vez que a dominância mais evidente ocorre nos aglomerados com população inferior a 15.000 habitantes.

Ligados diretamente à vida rural, estes centros representam locais de residência de pessoal agrícola, refletindo, em grande parte, mudanças na estrutura agrária da região, em que proprietários e mesmo "moradores" passam a ter domicílio em distritos-sede de municípios.

Aos diferentes grupos corresponde uma gradação de dominância na atividade do setor primário, decorrente de combinações com outras

2 Foram efetuados ajustamentos visando a uma caracterização melhor das classes de cidades. Assim, no agrupamento A introduziu-se a cidade de Touros, apesar de sua ligação aí corresponder a um coeficiente de similaridade de 1,99. Por sua vez, os agrupamentos G e H que, ao nível do corte 2, deveriam figurar em um só conjunto, assim como os grupos 14 e 18 ao nível do corte 1, foram mantidos separados.

atividades, apesar dos pequenos montantes de PEA implicados, no que se inferem formas tênues de vida urbana na região e as funções que as determinam. Por sua vez, centros classificados na associação de funções (classes 6 e 7), a partir da PEA no setor primário, em número de 21, correspondem, de certo modo, a uma condição urbana um pouco mais efetiva, se bem que a ligação com o quadro rural ainda se faça muito presente.

A gradação da dominância da PEA no setor primário relaciona-se, em certos grupos, ao aumento do tamanho urbano, sobressaindo, por exemplo, a posição de Imperatriz (classe 5,1) e de Arapiraca (classe 5,3), acima de 15.000 habitantes. Mas é preciso também considerar os contextos regionais em que se encontram os centros, contextos esses a que igualmente se relacionam os tipos de atividades que entram nas combinações.

Verifica-se, assim, que centros pequenos e muito "especializados" podem viver praticamente da coleta e de trocas locais, caracterizando diversos aglomerados das classes 1 e 2, principalmente, a exemplo de Mari, Condado ou Cururupu, mas Irecê, em meio a uma "ilha agrícola" importante no sertão baiano, já possui raio de ação mais extenso.

As classes mais numerosas são as da combinação com a PEA terciária (classes 5), compreendendo 58 centros, com prevalência dos que se complementam sobretudo com o emprego no comércio e na prestação de serviços. Caracteriza-se, de um lado, que formas primárias de urbanização se calcam em localidades tradicionais, que não evoluíram dessa condição, como Itabaiana, Quixadá e Açu ou em localidades de urbanização incipiente, como Pedreiras, Pacajus e Barra do Corda (sede de município modelo, erigido pelo Incra desde 1966), comportando vários tipos de crescimento urbano (classe 5,2).³ Grande parte dos centros encontra correspondência nos níveis 4 das *Regiões Funcionais Urbanas* (IBGE), predominando os de nível 4b.

Por sua vez, a combinação com o emprego na construção civil mostra influências da posição geográfica, como a de Pentecoste e Altos (classe 3), nas proximidades das capitais, e do crescimento urbano oscilante, a que se relaciona o caráter conjuntural desta ocupação. Já a combinação com o setor industrial se refere a atividades regionais tradicionais, como o beneficiamento e a manipulação da palha de canaúba, a exemplo de Santana do Acaraú (classe 4).

Dado as condições geralmente primárias da urbanização, aspectos de produtividade das atividades consideradas se revestem de pouca significação. Cabe, no entanto, assinalar que a posição de centros embrionários de serviços, identificada na combinação de atividades (classes 5,1, 5,2 e 5,4) ou na associação de funções (classe 6), está geralmente vinculada a valores médios de produtividade no comércio e serviços.

Uma situação mais favorável em rendimentos é rara, mas pode se apresentar em centros submetidos a dinamismo agrícola e demográfico, particularmente em Imperatriz, ou em Janaúba e São Sebastião do Passé, incluídos na categoria de atividades associadas com a indústria (classe 7).

Tanto os centros caracterizados pela dominância no setor primário quanto os definidos na associação com outras funções são mais numerosos no Maranhão e no Ceará, isto é, em estados onde a fronteira

3 Mas, por outro lado, cabe reconhecer que a técnica de agrupamento inclui cidades em que a ocupação no setor primário já não se faz tão importante, principalmente Caicó, que desempenha função mais discriminada de centro de serviços.

agrícola ainda se desloca e onde a urbanização é tolhida não só por influência da estrutura da produção e de um quadro natural adverso como também pela primazia da metrópole. Acresce ainda que nesses estados também se encontram as condições sociais mais desfavoráveis, aferidas pelas posições dos centros nos rendimentos.

A distribuição geográfica de cada um dos grupos de cidades é dispersa, apresentando inserção em estruturas espaciais homogêneas do ponto de vista da produção agrícola, do meio físico, dos recursos humanos e outros. Observa-se, porém, conjuntos formados por centros que participam de diferentes classes de atividade primária, caracterizados no Brejo da Paraíba, no sertão centro norte do Ceará ou na zona cacauieira da Bahia, nos quais se configura certa hierarquização da função de coleta. No entanto, centros identificados nessa atividade comparam também em estruturas urbanas complexas, como a da área metropolitana de Fortaleza.

5.2. Dominância da PEA nas Atividades Industriais

A esse agrupamento corresponde o menor número de centros e a mais baixa absorção da PEA no conjunto urbano em estudo, isto é, 5,32%, não alcançando os 10%, mesmo com a inclusão das classes identificadas na associação com outras ocupações.

A caracterização do agrupamento leva, portanto, a salientar que a especialização nas atividades industriais é restrita; que essa especialização se refere a proporções de ocupação entre 28 e 42% nas classes de dominância, e a dos 20% nas classes em que há associação com outras atividades; que o tamanho dos centros está geralmente compreendido nas faixas de 7.000 a 30.000 habitantes.

Distinguem-se os grupos ou classes (8 e 9, 10 e 11) pela gradação das proporções da PEA, mas a participação de outras atividades é inferior a das classes que estão compreendidas no agrupamento caracterizado pela ocupação primária. Confirma-se, assim, o que se disse antes a respeito da especialização na indústria, isto é, de que se trata de centros nos quais serviços e comércio se mostram inexpressivos. Confirma-se, igualmente, o papel relativamente mais importante das atividades que se associam positivamente com a indústria no fator II, isto é, o setor de transportes e o comércio ambulante. Efetivamente, são estas que tanto apresentam certa representatividade nos centros identificados por uma dominância menos acentuada da PEA manufatureira (classe 8) quanto vêm a caracterizar um grupo de centros, classificados na associação da PEA na indústria com outras atividades (classe 11).

A análise das classes de centros também levou em conta o aumento do tamanho urbano, que tem relação com uma proporção menor do emprego na indústria. Mas o fator tamanho não mostra o mesmo papel nas classes que se caracterizaram na associação de atividades, nas quais devem ser considerados seja a influência do tipo de indústria seja o destaque nas atividades de transportes e comércio ambulante. Essas características tem implicações com aspectos locacionais, isto é, as posições geográficas mostram-se importantes na própria identificação de grupos de centros.

Ressalta-se, portanto, que a discriminação das classes está sobremaneira vinculada ao tipo de indústria que, por sua vez, envolve condições de localização, de produtividade e rendimentos, e de formas de crescimento urbano.

Verifica-se que a classe em que a PEA na indústria é superior a 40% corresponde a centros de tecelagens tradicionais (classe 8). Situa-dos, via de regra, nas proximidades de capitais, apresentam homoge-neidade sob vários aspectos, inclusive no declínio demográfico. Paulista apresenta, porém, posição mais favorável, ilustrando a superioridade de uma condição metropolitana, isto é, de um centro tradicional que se estrutura com indústrias modernas, quase sempre de capitais extra-regionais.

Uma outra classe caracterizada por certa homogeneidade é aquela em que predominam os núcleos da área metropolitana de Salvador, já antes comentados, no tocante ao crescimento e ao tipo de indústria intensiva em capital, que fazem sobressair o emprego na construção civil, e no tocante ao maior dinamismo demográfico e econômico (classe 10). Por sua vez, a classe 11 se identifica principalmente pela presença da função portuária e pelos percentuais mais baixos no em-prego industrial. Em outra parte do trabalho também já se fez refe-rência a suas condições geralmente inferiores de produtividade e de rendimento. Assinala-se, mais uma vez, a diferenciação de níveis devido a uma situação metropolitana, como a de Jaboatão, centro de residência operária junto a Recife, em relação aos núcleos que compõem a aglo-meração de João Pessoa e aos que integram o complexo salineiro potiguar.

A classe mais numerosa (classe 9) é a de cidades compreendidas na faixa de população entre 15.000 e 30.000 habitantes, a que corres-pendem diferentes tipos de indústria, não demonstrando, portanto, padrões homogêneos nos diversos aspectos considerados. Aí se encon-tram centros situados próximos ou integrados em estruturas metropo-litanas, como Catu e Cabo, que apresentam maior dinamismo econô-mico e demográfico, ou como Goiana e Igarauçu; centros antigos e dis-persos, muitos deles decadentes, cuja vida urbana se mantém em torno da fábrica ou da usina, como Delmiro Gouveia, Rio Largo, Estância ou Valença, na indústria têxtil; ou como Catende e Carpina, na indús-tria de produtos alimentares, a qual, mesmo em um núcleo especiali-zado de atividade mais recente, como Pesqueira, não apresenta resul-tados favoráveis em termos de produtividade ou rendimentos da PEA urbana. Nesta classe caracteriza-se também a dispersão da função por-tuária, legado de fases mais antigas, que está presente em centros onde a posição de embarcadouro de produtos agrícolas foi fator de cresci-mento em certos períodos, como Aracati, Camocim ou Goiana e Valença.

Os padrões espaciais destes núcleos já foram anteriormente comen-tados. Em linhas gerais, pode-se acrescentar que são poucos interiori-zados e mais numerosos nas áreas de tradição agrícola importante, isto é, na zona da mata, quer os que participam da concentração metropo-litana quer os de localização dispersa, e na do Recôncavo baiano, in-cluindo a área de Salvador.

5.3. Dominância da PEA Terciária

Trata-se do agrupamento que absorve a maior parcela da PEA desse conjunto urbano, correspondendo a mais de 74% do total dessa PEA e, caso se incluam os grupos em que o emprego terciário se associa a outras atividades, alcança mais de 80% daquele total. Mas, em número de centros, é superado pelos aglomerados "especializados". Na verdade, a concentração é coberta por um único grupo de 13 cidades, que res-ponde por 55% do emprego nesse setor (tabela 8).

As cidades que compõem as classes ou grupos (12 a 15) se referem aos centros de serviços mais característicos dentro da estrutura urbana da região. Trata-se de cidades de tamanhos diversos que exercem funções regionais em diferentes níveis de atuação, encabeçadas pelas metrópoles e capitais.

A discriminação dos grupos se faz: 1) pelas combinações que dizem respeito à proeminência de certas atividades do próprio terciário ou a das do setor secundário, neste caso, mais patente em aglomerados classificados na associação de funções. Cabe, porém, salientar, em cada grupo de cidades, o primado da prestação de serviços que está, portanto, presente nas várias combinações, aliás é esta a atividade que absorve as maiores proporções de PEA no conjunto urbano analisado, isto é, 24,02%; 2) pelo grau de diversificação das atividades determinado pela posição de cada uma delas em relação à respectiva média, em cada grupo.

No tocante à coerência interna das classes, verifica-se que obedece, basicamente, à similaridade da estrutura de atividades, em termos relativos. Significa dizer que nem sempre há correspondência com certa homogeneidade em tamanho, produtividade e rendimentos ou em formas de crescimento urbano. Reafirma-se, portanto, o que se disse antes a respeito de classes de cidades, cuja estrutura, assim determinada, pode incluir centros com diferentes ritmos de urbanização e com diferentes níveis hierárquicos e posições geográficas. Não obstante, em alguns grupos reconhecem-se padrões relativamente mais homogêneos, no tocante aos diversos aspectos considerados. Trata-se de grupos em que a especificidade de certas funções remete à idéia de atividades líderes, isto é, de atividades em torno das quais se integram as demais nos centros urbanos.

Nesse tocante, verifica-se que tamanho e posição hierárquica superior no sistema urbano regional confirmam o grupo de cidades formado pelas capitais, isto é, a classe em que a função administrativa, representada pela proeminência dos serviços governamentais, é particularmente caracterizada.

Em outra parte do trabalho já se fez referência às condições econômicas e sociais destes centros, condições avaliadas pelos índices de produtividade e rendimento acima das médias, independentemente das formas de crescimento urbano. Acresce que, nesse grupo, se encontram os valores mais elevados na receita dos serviços, sem esquecer, porém, que pesquisas recentes atribuíram para a área metropolitana de Recife 114 mil subempregados e 30 mil desempregados. Também se fez referência às diferenciações entre estas cidades no tocante à posição na indústria, à posição na relação entre aumento populacional mais intenso e rendimentos e outros aspectos, salientando-se a liderança de Salvador e Recife. Mais uma referência cabe à situação de Fortaleza que, à exceção da produtividade nos serviços, mostra condições inferiores às capitais do litoral oriental do Nordeste. Novamente vale evocar a influência de estruturas regionais que se manifesta, por exemplo, na posição relativamente mais favorável de centros tradicionalmente ligados à produção açucareira.

Neste grupo pode-se constatar que a dinâmica de certas atividades do terciário é função do tamanho urbano. A incidência maior de serviços de infra-estrutura social em certas cidades é atribuída ao caráter de alta elasticidade da renda, isto é, considera-se que são atividades cuja multiplicação decorre de um efeito da renda. No tocante aos serviços governamentais, por exemplo, Harvey, citando Thompson (1965), reafirma que "o aspecto redistributivo das funções gerais de governo au-

menta com o tamanho da cidade" (21). Confirma-se, assim, que centros urbanos maiores mostram melhor infra-estrutura de serviços sociais, de administração pública e interdependências setoriais mais acentuadas, o que pode ser relacionado ao grau de diversificação apresentado nesse grupo. Efetivamente, a não ser nos setores de atividade primária e secundária, as demais atividades se posicionam sempre acima das respectivas médias no conjunto urbano em questão, o que já não ocorre nas outras classes de cidades.

Nesse particular, evidencia-se a prevalência da estrutura comercial nos maiores centros. Comparando com as metrópoles do Sudoeste, verifica-se que Salvador, Recife e Fortaleza acusaram, no comércio de mercadorias (1970), participação da população economicamente ativa entre 14%, aproximadamente, e mais de 15%, enquanto Rio de Janeiro e Belo Horizonte registraram cerca de 12% e São Paulo, 11,8%. Nas atividades industriais a metrópole paulistana apresentou participação superior a 34%, enquanto as de Recife, Salvador e Fortaleza foram, respectivamente, de 16%, 13% e 13,3%.

Em outras cidades incluídas nessa classe, como Montes Claros, Ilhéus e Juazeiro, o fator tamanho, inferior a 100.000 habitantes, subtrai efeitos de economias de escala e aglomeração. Por outro lado, os valores de produtividade e rendimentos, geralmente favoráveis, já podem aí corresponder apenas a situações relativas e pouco expressivas, como, por exemplo, a indústria em Ilhéus.

Certa homogeneidade de padrões também é encontrada em classes de cidades, nas quais se distingue, igualmente, especificidade de funções, seja pela vida comercial seja pela presença do setor transportes.

O primeiro caso se caracteriza principalmente na Bahia, sobressaindo a posição dos centros ao longo de rodovias importantes, e o papel do comércio atacadista de produtos valorizados no mercado externo, como cacau, mamona e sisal. Já antes se fez referência a estas cidades em termos de produtividade, rendimentos e dinamismo populacional, que implica também em certa projeção da construção civil. Deste modo, Vitória da Conquista, Itabuna, Itapetinga ou Jacobina mostram padrões mais homogêneos do que Crato ou Floriano.

O segundo caso caracteriza-se principalmente em centros tradicionais, cuja vida urbana é marcada pela presença de antigas funções portuárias como Pirapora ou Nazaré, às quais se associam atividades industriais de baixa produtividade, como o extrativismo do sal em Moçoró e beneficiamentos diversos em várias cidades como em Cachoeira e Alagoinhas. A homogeneidade de padrões se manifesta sobretudo no tamanho urbano, geralmente pequeno, e nos centros com relativo decréscimo demográfico, onde podem manifestar-se índices mais favoráveis em rendimento ou produtividade.

Já na classe de cidades que reúne 27 centros (classe 13), que são principalmente centros comerciais e de serviços, não se encontram padrões de homogeneidade. Exemplifica-se aí o caso de uma estrutura de atividades similar que encobre situações urbanas diferenciadas em termos de posição hierárquica e de condições sócio-econômicas. Figuram nessa classe Feira de Santana e Juazeiro do Norte, Caxias e Pombal.⁴

Por sua vez, nos grupos caracterizados na associação de funções, os padrões mais homogêneos se baseiam sobretudo em tamanho quase sempre pequeno e em crescimento urbano, geralmente elevado, do tipo oscilante ou cogumelo. Referem-se tanto a lugares centrais, em que sobressai o emprego em obras públicas, como Salgueiro ou Icó, quanto

4 Uma análise discriminante poderá ajustar melhor certas classes de cidades apresentadas.

a núcleos de atividades secundárias que comportam certos serviços, como Brumado ou Guadalupe (classe 16), ou a localidades relacionadas diretamente às atividades agrícolas, como Bacabal, Guarabira, Limoeiro ou Ruy Barbosa (classe 18), nas quais a PEA no setor primário já equivale a da prestação de serviços. Essas observações levam a concluir que vários destes centros apresentam posição intermediária entre diversificação e especialização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das classes de cidades e de aspectos de suas condições econômicas e sociais constitui-se em meio de aferir resultados da política de centros de crescimento sustentada pelo governo. Sob este ângulo constata-se que a transmissão espontânea dos padrões de desenvolvimento dos grandes centros para a sua hinterlândia é bastante limitada. Vale dizer que as economias de aglomeração que se estabeleceram no Nordeste apresentam reduzido papel na irradiação do desenvolvimento social e econômico da região. Já nos referimos, anteriormente, à posição dos aglomerados em relação às médias registradas pelos indicadores de rendimentos e produtividade, médias, por sua vez, com valores bastante baixos. O número de centros colocados acima das médias é geralmente reduzido, mesmo no setor de serviços e nos rendimentos que apresentaram menores coeficientes de variação (tabela 4 e 7.1).

Cabe, deste modo, a advertência de que uma simples constatação de produtividade maior ou menor entre as cidades não deve bastar a um planejamento que vise ao desenvolvimento da região. Pode-se incorrer no risco de direcionar a aplicação dos investimentos para centros mais dinâmicos, acentuando a desigualdade na distribuição espacial das atividades econômicas. Em outras palavras, chama-se a atenção para as distorções que podem advir de um planejamento meramente setorial.

Finalmente, e à guisa de *conclusão*, cabe referência à noção de escalas de urbanização, introduzida como hipótese na parte inicial do trabalho.

Essas escalas abrangem, em linhas gerais, áreas submetidas à atuação de esferas oficiais e áreas excluídas ou ainda marginalizadas de tal processo. No tocante à ação oficial, considera-se sobretudo a ingerência do poder federal na região, seja nas formas de concentração, onde se manifesta um tipo de crescimento econômico induzido, seja na disposição axial de cidades, ativadas pelo traçado de grandes troncos rodoviários, seja nos pequenos núcleos em áreas de programação agrícola recente. De outro lado, essas escalas refletem condições regionais por assim dizer espontâneas, ainda não atingidas diretamente por medidas governamentais.

Detendo-nos primeiramente nas *escalas relacionadas à dinâmica do processo urbano regional*, vale mais uma vez ressaltar que estas são assumidas, desde que se considere que o sistema urbano não apresenta ajustamentos homogêneos, como se fora animado por um ritmo uniforme. Nessas diferenças de adaptação, as grandes cidades contam com o tempo mais rápido e com um movimento auto-reforçador do crescimento. Para o planejamento, coloca-se naturalmente a questão da viabilidade de mudança em tal estrutura.

Escalas do processo de urbanização na região podem ser aferidas por uma ou várias classes de cidades, envolvendo ora a ênfase no tama-

nho ora no tipo de funções ora na posição geográfica, e assim por diante. Sugerem-se portanto:

— a escala da metropolização, constituída basicamente por Salvador e Recife, seguidas de Fortaleza, e pelos centros que integram oficialmente suas áreas metropolitanas, não obstante as diferenças de estrutura antes comentadas. Admite-se, assim, o fator tamanho como elemento importante de caracterização dessa dimensão, dado as implicações com economias de escala e de aglomeração e, portanto, de uma eficiência global maior, ainda que em termos de Nordeste. Admite-se, também, que a interação entre estes centros e o sistema urbano nacional seja mais relevante do que com as cidades da região. Essa característica deve ser acentuada pelo tipo de implantação industrial no Nordeste, que atende muito mais ao setor produtivo e à necessidade das taxas de acumulação do capital do que a problemas de mercado;

— uma outra escala do processo urbano regional pode ser reconhecida em centros que tangenciam a metropolização. A caracterização principal decorre de uma posição face à indução industrial, posição ainda relativamente secundária nas prioridades da SUDENE. Trata-se de capitais para onde começam a convergir empreendimentos industriais implantados por esse órgão, como Natal e João Pessoa que, de certo modo, passam a representar uma extensão de Recife; ou como Maceió e particularmente Aracaju, que podem vir a estruturar um complexo petroquímico, como extensão do pólo de Salvador. Nessa escala também estão compreendidos aqueles grandes centros situados na isócrona de aproximadamente duas horas a partir das capitais, como Feira de Santana e outros. Exercendo, ainda, atuação regional, seu tangenciamento com a metropolização se faz pela complementaridade às indústrias das metrópoles e/ou pelo incentivo a atividades voltadas para a exportação. A estes se acrescenta Montes Claros, onde a industrialização, se bem que ligada também ao sistema da SUDENE, corresponde a extensão das metrópoles do Sudeste;

— outra escala diz respeito a centros caracterizados sobretudo por uma função regional importante, em que sobressai a vida comercial e particularmente o setor de exportação, nos quais a indução oficial vem se manifestando principalmente pela implantação de distritos industriais. Incluem-se aqui centros ao longo das principais rodovias, como Vitória da Conquista e Jequié; e aglomerações como São Luís e Teresina, Itabuna—Ilhéus, Petrolina—Juazeiro e Crato—Juazeiro do Norte, que caracterizam uma posição geográfica de concentrações urbanas separadas por grandes distâncias;

— mais uma escala do processo urbano regional pode ser reconhecida através da transformação do caráter de certas cidades, advinda da concorrência movida por um crescimento econômico do tipo cidade primaz, como a de Sobral em relação a Fortaleza, a de Moçoró em relação a Natal, a que se acrescenta o esvaziamento funcional de cidades em outros estados, como em Alagoas e Sergipe. Essa dinâmica também pode ser observada entre centros pequenos, na medida em que alguns se privilegiam às expensas de outros, como Imperatriz em relação a Carolina, Bacabal em relação aos aglomerados do vale do Mearim, e assim por diante.

A esta escala podem ser vinculadas localidades geralmente marginalizadas do processo de indução oficial, algumas em estagnação ou decadência, desde centros de atividades terciárias até núcleos de indústria mais antiga, já antes comentados. Mas distritos industriais implan-

tados em Sobral e Moçoró não pareciam, em 1970, ter ainda contribuído para reparar o esvaziamento de suas funções regionais;

— uma outra escala do processo urbano da região pode ser reconhecida através da classe de centros cuja função principal é a de residência de população engajada no setor primário. Na parte inicial do trabalho fez-se referência às implicações dessa dimensão, em termos de precariedade econômica e social do contexto urbano e regional.

Esta escala pode ser também caracterizada pela pulverização ou caráter repetitivo de uma mesma função, como é a da exportação extra-regional de algodão em pluma, agave, ou cereais, esparsamente associada em alguns daqueles pequenos centros. Como exemplos, tem-se Crateús ou os da área do Seridó, no Rio Grande do Norte, Senhor do Bonfim e Euclides da Cunha, Irecê e Santa Inês.

Participando, portanto, das necessidades diretas da economia nacional e das atividades de exportação, são centros que, no entanto, não se comportam nem como pontos de crescimento nem como focos de desenvolvimento, visto que não propiciam maior soma de recursos à população local.

O apoio oficial tem buscado contornar esta situação através de programações agrícolas em vários trechos, onde os aglomerados devem constituir-se em sede de promoção da economia rural ou de apoio a construção de grandes rodovias. Servem de exemplos Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória, que se incluem em projetos da SUVALE; Barra do Corda nos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e outros.

As escalas da urbanização manifestadas nos aspectos locacionais, isto é, *na contigüidade física*, referem-se a centros suficientemente próximos para serem reconhecidos como conjuntos. Estas áreas tanto podem ser funcionalmente integradas pela presença de uma atuação urbana mais intensa quanto caracterizadas pela homogeneidade de atividades. Distinguem-se:

— agregados ou *clusters* formados pela concentração urbana. Compreendem as áreas metropolitanas constituídas por uma grande cidade central, dominantemente terciária, e pelos municípios periféricos que concorrem para a diferenciação de estruturas metropolitanas, devido, em grande parte, à especialização na indústria. Compreendem, também, aglomerações urbanas de diversos tipos (22): constituídas por cidades centrais de dominância terciária e por localidades dotadas de indústria antiga e de fraca produtividade, como as de João Pessoa e Aracaju; estruturadas por cidades centrais de dominância terciária e por pequenos centros de serviços, como as de Natal e Teresina; formadas por centros terciários complementares, como Petrolina—Juazeiro, Crato—Juazeiro do Norte, Ilhéus—Itabuna;

— tendências a eixo, como se pode observar em trechos onde se estabelecem interações mais intensas entre centros importantes de dominância terciária, a partir das capitais, como entre Salvador e Feira de Santana, Recife e Caruaru, João Pessoa e Campina Grande. Esboço de estrutura em eixo pode ser notado em Caxias, Altos e Campo Maior, em relação a Teresina;

— agregados formados por pequenos centros de áreas agrícolas densas e antigas, geralmente com decréscimo populacional. Compreendem, basicamente, os do Brejo da Paraíba, cuja função dominante é a ocupação no setor primário, que apenas em Guarabira, centro sub-regional, acusa associação com atividades terciárias; e centros do Recôn-

cavo baiano, onde predominam funções de serviços e pequenos beneficiamentos tradicionais;

— estrutura de prevalência da atividade no setor primário, com ou sem associação com outras atividades, se reconhecem ainda em diferentes trechos, apesar de não apresentarem características de densidade dos acima citados. Trata-se de conjuntos de centros na zona cacaueteira, em torno de Ilhéus—Itabuna; no sertão centro-norte do Ceará ou no Cariri cearense; trata-se, também, do cordão de localidades à retaguarda das frentes pioneiras do Maranhão, que contrastam com a estrutura dos centros das áreas decadentes do vale do Itapicuru.

Algumas dessas escalas ou conjuntos são marcados pela posição centralizadora de certas localidades, dado uma atuação tradicional, como a de Sobral face ao vale do Acaraú e a Ibiapaba, ou de Guarabira, já mencionada. Em outras, esta centralização parece decorrer principalmente de uma captura de funções de aglomerados da mesma área, por vezes em processo de recuo demográfico, como Quixadá, no centro-norte do Ceará ou Bacabal, em meio a pequenos centros próximos.

Outras escalas espaciais podem ser mencionadas; ainda que impliquem em menor contigüidade física, elas se superpõem às dimensões que se relacionam ao ritmo de urbanização na região. Trata-se, por exemplo, das que se referem à disposição de centros de funções dominantemente terciárias ao longo dos principais eixos rodoviários, como se pode notar não só na Bahia como no interior de Pernambuco e da Paraíba, e ainda no Piauí. Trata-se, também, das estruturas de pequenos centros dispersos que se organizam em torno da vida rural.

Estas observações nos remetem à parte introdutória do trabalho, onde se fez menção à necessidade de considerar as interseções de escalas no processo de urbanização da região não só para finalidades de estudo como para objetivos de planejamento.

Do que acima foi exposto, pode-se concluir que as áreas metropolitanas de Salvador e Recife correspondem a conjuntos onde as interseções entre as escalas da economia nacional urbano-industrial e da economia regional se mostram mais eficientes, tendendo para uma racionalidade na divisão territorial do trabalho.

Reportando-nos às idéias expostas na parte inicial do trabalho a respeito de escalas e de suas interseções, chama-se a atenção para implicações que podem ter com as estratégias espaciais. Investimentos na metropolização, por exemplo, são passíveis de envolver a escala que se expressa nos centros com tendência a eixo, cabendo aí definir as funções mais compatíveis com sua posição na urbanização. Um planejamento que vise a desenvolver a articulação regional deverá certamente voltar-se para a promoção de interseções, que signifiquem consolidar estruturas produtivas na região e integrá-las com as respectivas cidades. Dentro dessa ordem de idéias estariam compreendidos centros de diferentes tamanhos e posições geográficas, inclusive aqueles de ocupação dominantemente rural que vêm a se caracterizar por conjuntos espaciais representados por uma função única e que podem levar à imagem de se reduzirem simplesmente a um ponto.

Significa dizer que caberia às estratégias da planificação desenvolver funções diferenciadas na região, segundo a inserção das cidades nas escalas do processo de urbanização. Em certos casos, poder-se-ia conjecturar sobre o reforço de uma posição de lugar central, reforço esse que promoveria interdependências com outros aglomerados da mesma área e com os de áreas vizinhas como, por exemplo, entre o Brejo da Paraíba e a região de Campina Grande. Em outros casos

seriam incentivadas complementaridades entre localidades próximas, confirmando tendências já existentes, como nas do sertão centro-norte do Ceará ou nas do baixo Jaguaribe.

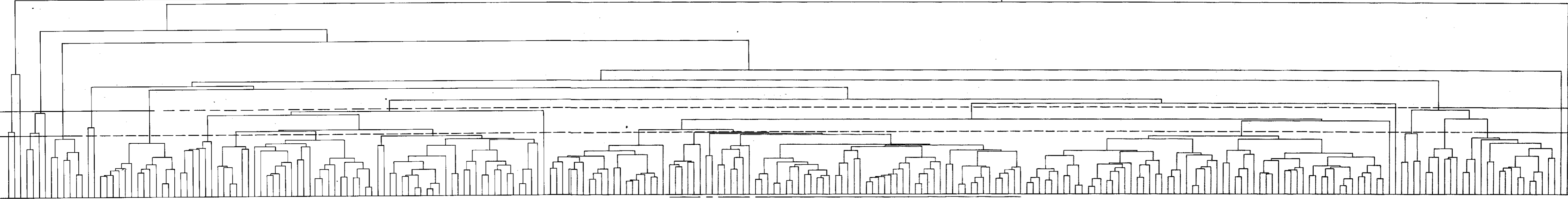
Por outro lado, significa também dizer que, uma vez reconhecida a interdependência das escalas da urbanização na região, caberia ao planejamento imbuir-se, dentro do possível, da idéia de simultaneidade nas estratégias espaciais.

Finalmente, deve-se ainda assinalar que o crescimento econômico baseado no sistema de incentivos fiscais pode contribuir para um clima de instabilidade, mesmo naquelas áreas em posição mais favorável no quadro urbano regional. Exemplo recente é o do centro industrial de Aratu, que vem enfrentando situações de crise. Preocupações têm surgido com a própria essência da organização tributária administrada pela SUDENE, preocupações essas que procuram avaliar a experiência em termos de seus resultados negativos. Neste particular, apontamos para críticas que se referem a efeitos sobre a região como um todo. F. Rezende (23), por exemplo, assinala, entre outros aspectos, que a falta de complementaridade intra-regional da produção é fator de baixa eficiência na utilização dos recursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — SMITH, Robert H. T. Method and Purpose in Functional Town Classification. *Annals of the Association of American Geographers*, Lawrence, v. 3, 1965.
- 2 — ABLER, Adams Gould. *Spatial Organization*. Prentice Hall International Editions, 1972.
- 3 — SMITH, Robert H. T. — *op. cit.*
- 4 — TOLOSA, Hamilton C. Macroeconomia da urbanização brasileira. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, 3(3): 585-643, out. 1973.
- 5 — WINGO, L. A National Development Strategy for the United States. *Urban Studies*, v. 9, n. 1, 1972.
- 6 — TOLOSA, H. C. — *op. cit.*
- 7 — SILVA, Hilda da. Mudanças de população: um estudo de pequenas cidades nos Estados do Maranhão, Pernambuco e São Paulo no Brasil. *Boletim Carioca de Geografia*, Rio de Janeiro, 26: 57-114, 1976.
- 8 — TOLOSA, Hamilton C. — *op. cit.*
- 9 — ALLMAN, J.; COX, Kevin R.; RAINIER; ENHART, R.; RUSSWURM, Lorne H. The Use of Standardized Values in Regionalization: The Example of a Socio-economic Spatial Structure of Illinois, 1960. *The Professional Geographer*, Washington, D.C., v. 16, n. 3, May, 1964.
- 10 — CHINITZ, Benjamin. Contrasts in Agglomeration: New York and Pittsburgh. s.n.t.
- 11 — HARVEY, D. *Social Justice and the City*. Baltimore, John Hopkins Press, 1973.
- 12 — GEIGER, P. P. & DAVIDOVICH, F. R. *Urban Growth as a Factor of Regional Balance-inbalance*. Vitória, 1971. Proceedings of the Commission on Regional Aspects of Development of the International Geographical Union, v. 1.
- 13 — BOURS, A. *Towards a Geography of Public Administration and Policymaking*. Abstract to the XXIII International Geographical Congress, Moscou, 1976.
- 14 — MAGNANI, Ruth Lopes da Cruz. População. In: IBGE. *Diretoria Técnica. Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro, 1977. 5 v., il. v. 2 — Região Nordeste, p. 135-207.
- 15 — BAER, Werner & GEIGER, P. P. *Industrialização, urbanização e a persistência das desigualdades regionais do Brasil*. Rio de Janeiro, SUPED, 1976. No prelo.
- 16 — OLIVEIRA, Francisco de & REICHSTUL, Henri-Philippe. *Mudanças na Divisão Inter-regional do Trabalho no Brasil*. 1973 (Estudos CEBRAP, 4).

- 17 — BAER, W. & GEIGER, P. P. — *op. cit.*
- 18 — OLIVEIRA, F. de & REICHSTUL, H. P. — *op. cit.*
- 19 — ALMEIDA, Wanderly J. Manso de. Variação do emprego no quadro urbano — setor serviços. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, 3(3): 747-73, out. 1973.
- 20 — DAVIDOVICH, Fany & LIMA, Olga Maria Buarque de. Contribuição ao estudo das aglomerações urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 37(1): 50-84, jan./mar. 1975.
- 21 — HARVEY, D. — *op. cit.*
- 22 — DAVIDOVICH, Fany & LIMA, Olga Maria Buarque de. — *op. cit.*
- 23 — SILVA, Fernando A. Rezende da. Incentivos fiscais, acumulação de capital e emprego de mão-de-obra: uma contribuição ao debate. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, 4(1): 111-38, fev. 1974.



- 001. Pinar
- 002. Miami
- 003. Tampa
- 004. St. Petersburg
- 005. Ft. Lauderdale
- 006. Orlando
- 007. Jacksonville
- 008. Tallahassee
- 009. Panama City
- 010. Pensacola
- 011. Mobile
- 012. Montgomery
- 013. Birmingham
- 014. Atlanta
- 015. Savannah
- 016. Charleston
- 017. Columbia
- 018. Raleigh
- 019. Charlotte
- 020. Norfolk
- 021. Richmond
- 022. Washington
- 023. Baltimore
- 024. Philadelphia
- 025. New York
- 026. Boston
- 027. Chicago
- 028. St. Louis
- 029. Kansas City
- 030. Denver
- 031. Minneapolis
- 032. St. Paul
- 033. Milwaukee
- 034. Cincinnati
- 035. Cleveland
- 036. Detroit
- 037. Pittsburgh
- 038. Indianapolis
- 039. Columbus
- 040. Cincinnati
- 041. Cincinnati
- 042. Cincinnati
- 043. Cincinnati
- 044. Cincinnati
- 045. Cincinnati
- 046. Cincinnati
- 047. Cincinnati
- 048. Cincinnati
- 049. Cincinnati
- 050. Cincinnati
- 051. Cincinnati
- 052. Cincinnati
- 053. Cincinnati
- 054. Cincinnati
- 055. Cincinnati
- 056. Cincinnati
- 057. Cincinnati
- 058. Cincinnati
- 059. Cincinnati
- 060. Cincinnati
- 061. Cincinnati
- 062. Cincinnati
- 063. Cincinnati
- 064. Cincinnati
- 065. Cincinnati
- 066. Cincinnati
- 067. Cincinnati
- 068. Cincinnati
- 069. Cincinnati
- 070. Cincinnati
- 071. Cincinnati
- 072. Cincinnati
- 073. Cincinnati
- 074. Cincinnati
- 075. Cincinnati
- 076. Cincinnati
- 077. Cincinnati
- 078. Cincinnati
- 079. Cincinnati
- 080. Cincinnati
- 081. Cincinnati
- 082. Cincinnati
- 083. Cincinnati
- 084. Cincinnati
- 085. Cincinnati
- 086. Cincinnati
- 087. Cincinnati
- 088. Cincinnati
- 089. Cincinnati
- 090. Cincinnati
- 091. Cincinnati
- 092. Cincinnati
- 093. Cincinnati
- 094. Cincinnati
- 095. Cincinnati
- 096. Cincinnati
- 097. Cincinnati
- 098. Cincinnati
- 099. Cincinnati
- 100. Cincinnati

TABELA 2

Fatores ordenados

Matriz das notas obtidas pelos centros nos fatores

(Continua)

| | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | |
|----|-----|---------|-----|---------|-----|---------|-----|---------|
| 1 | 105 | -4,9638 | 68 | -4,9084 | 211 | -5,9390 | 90 | -5,8045 |
| 2 | 181 | -4,6907 | 116 | -4,8201 | 218 | -4,4734 | 103 | -4,0658 |
| 3 | 173 | -4,6851 | 83 | -3,7843 | 73 | -4,1711 | 89 | -3,7091 |
| 4 | 149 | -4,0847 | 2 | -3,7520 | 212 | -3,7210 | 7 | -3,3949 |
| 5 | 83 | -3,8538 | 188 | -3,8652 | 121 | -2,9045 | 253 | -2,8612 |
| 6 | 176 | -3,7944 | 12 | -3,1264 | 215 | -2,8813 | 33 | -2,7028 |
| 7 | 151 | -3,6806 | 27 | -2,9423 | 208 | -2,5733 | 168 | -2,6756 |
| 8 | 116 | -3,5532 | 140 | -2,9202 | 48 | -2,5388 | 179 | -2,5852 |
| 9 | 160 | -3,4966 | 67 | -2,9050 | 38 | -2,0820 | 56 | -2,5355 |
| 10 | 218 | -3,4298 | 72 | -2,6643 | 120 | -2,0099 | 144 | -2,3769 |
| 11 | 45 | -3,3362 | 243 | -2,5466 | 193 | -1,8636 | 125 | -2,3383 |
| 12 | 49 | -3,3333 | 69 | -2,4776 | 213 | -1,8024 | 150 | -2,2214 |
| 13 | 136 | -3,2907 | 118 | -2,4514 | 229 | -1,7243 | 152 | -2,0589 |
| 14 | 170 | -3,2666 | 172 | -2,4188 | 183 | -1,6178 | 219 | -2,0260 |
| 15 | 220 | -3,1801 | 235 | -2,3865 | 32 | -1,5630 | 43 | -2,0089 |
| 16 | 211 | -3,1077 | 35 | -2,3235 | 217 | -1,5262 | 96 | -1,9346 |
| 17 | 4 | -3,0839 | 23 | -2,3198 | 42 | -1,5050 | 92 | -1,9764 |
| 18 | 156 | -3,0197 | 5 | -2,3113 | 190 | -1,4610 | 151 | -1,9407 |
| 19 | 221 | -2,9744 | 21 | -2,3070 | 205 | -1,4447 | 114 | -1,8532 |
| 20 | 223 | -2,9676 | 91 | -2,2964 | 153 | -1,4381 | 164 | -1,7981 |
| 21 | 53 | -2,9114 | 26 | -2,2720 | 18 | -1,4135 | 124 | -1,7855 |
| 22 | 175 | -2,8551 | 254 | -2,2446 | 253 | -1,4082 | 216 | -1,7598 |
| 23 | 55 | -2,8273 | 9 | -2,1736 | 214 | -1,3576 | 185 | -1,6880 |
| 24 | 106 | -2,8124 | 74 | -2,1141 | 36 | -1,3386 | 196 | -1,6858 |
| 25 | 224 | -2,7029 | 165 | -2,0629 | 222 | -1,3268 | 91 | -1,6315 |
| 26 | 143 | -2,6461 | 241 | -2,0625 | 147 | -1,3230 | 83 | -1,6187 |
| 27 | 2 | -2,6165 | 114 | -2,0409 | 110 | -1,3188 | 41 | -1,5675 |
| 28 | 142 | -2,5319 | 247 | -1,8945 | 33 | -1,2942 | 187 | -1,5274 |
| 29 | 153 | -2,5302 | 32 | -1,8732 | 192 | -1,2457 | 250 | -1,4635 |
| 30 | 118 | -2,5240 | 1 | -1,8718 | 226 | -1,2078 | 226 | -1,4654 |
| 31 | 145 | -2,4839 | 34 | -1,8461 | 3 | -1,1589 | 18 | -1,4362 |
| 32 | 74 | -2,4062 | 248 | -1,7967 | 200 | -1,1327 | 35 | -1,4307 |
| 33 | 228 | -2,3982 | 76 | -1,7938 | 93 | -1,1312 | 85 | -1,3989 |
| 34 | 215 | -2,3443 | 98 | -1,7431 | 101 | -1,1158 | 252 | -1,3874 |
| 35 | 140 | -2,3279 | 206 | -1,7194 | 25 | -1,1033 | 50 | -1,3232 |
| 36 | 99 | -2,3143 | 53 | -1,6980 | 122 | -1,0810 | 51 | -1,2893 |
| 37 | 80 | -2,2698 | 234 | -1,6799 | 179 | -1,0741 | 141 | -1,2746 |
| 38 | 230 | -2,2430 | 242 | -1,6788 | 228 | -1,0329 | 42 | -1,2212 |
| 39 | 1 | -2,1185 | 99 | -1,6620 | 216 | -1,0075 | 201 | -1,2119 |
| 40 | 213 | -2,1112 | 24 | -1,6263 | 174 | -1,0045 | 47 | -1,2002 |
| 41 | 71 | -2,0995 | 186 | -1,5904 | 210 | -0,9822 | 137 | -1,1563 |
| 42 | 165 | -2,0763 | 244 | -1,5845 | 39 | -0,9686 | 9 | -1,0109 |
| 43 | 68 | -1,9841 | 111 | -1,5808 | 203 | -0,8968 | 44 | -1,0085 |
| 44 | 32 | -1,9616 | 31 | -1,5604 | 15 | -0,8670 | 111 | -0,9641 |
| 45 | 26 | -1,9524 | 238 | -1,5337 | 227 | -0,8632 | 99 | -0,9429 |
| 46 | 147 | -1,9517 | 48 | -1,4877 | 209 | -0,8613 | 237 | -0,9353 |
| 47 | 90 | -1,8733 | 161 | -1,4474 | 37 | -0,8533 | 249 | -0,9020 |
| 48 | 67 | -1,8529 | 60 | -1,4183 | 239 | -0,8527 | 102 | -0,8984 |
| 49 | 97 | -1,7788 | 17 | -1,3934 | 109 | -0,8499 | 214 | -0,8249 |
| 50 | 34 | -1,7532 | 135 | -1,3882 | 124 | -0,8086 | 149 | -0,8182 |
| 51 | 167 | -1,7382 | 38 | -1,3503 | 50 | -0,8071 | 197 | -0,8130 |
| 52 | 102 | -1,7102 | 164 | -1,3153 | 142 | -0,7838 | 246 | -0,7876 |
| 53 | 101 | -1,6844 | 19 | -1,2782 | 196 | -0,7702 | 171 | -0,7113 |
| 54 | 5 | -1,6814 | 104 | -1,2734 | 219 | -0,7570 | 109 | -0,6986 |
| 55 | 168 | -1,6597 | 84 | -1,2620 | 168 | -0,7488 | 169 | -0,6956 |
| 56 | 253 | -1,6219 | 236 | -1,2611 | 246 | -0,7436 | 30 | -0,6858 |
| 57 | 48 | -1,6187 | 41 | -1,2367 | 63 | -0,7408 | 94 | -0,6768 |
| 58 | 169 | -1,5598 | 210 | -1,2308 | 207 | -0,7374 | 87 | -0,6690 |
| 59 | 115 | -1,4766 | 73 | -1,2244 | 252 | -0,7279 | 23 | -0,6371 |
| 60 | 222 | -1,4496 | 202 | -1,2065 | 96 | -0,7151 | 251 | -0,6239 |
| 61 | 148 | -1,4466 | 232 | -1,2037 | 191 | -0,7044 | 194 | -0,6169 |
| 62 | 212 | -1,4275 | 57 | -1,2014 | 224 | -0,6936 | 136 | -0,5639 |
| 63 | 27 | -1,4230 | 58 | -1,1847 | 150 | -0,6918 | 78 | -0,5485 |
| 64 | 180 | -1,3948 | 195 | -1,1724 | 237 | -0,6906 | 3 | -0,5430 |
| 65 | 72 | -1,3912 | 117 | -1,1550 | 8 | -0,6856 | 158 | -0,5303 |
| 66 | 172 | -1,3599 | 184 | -1,1349 | 220 | -0,6646 | 71 | -0,5234 |
| 67 | 217 | -1,3297 | 231 | -1,1097 | 103 | -0,6568 | 95 | -0,4955 |
| 68 | 51 | -1,3212 | 185 | -1,0518 | 187 | -0,6348 | 230 | -0,4931 |
| 69 | 208 | -1,3179 | 165 | -1,0287 | 51 | -0,6265 | 29 | -0,4895 |
| 70 | 77 | -1,2471 | 123 | -1,0143 | 148 | -0,6203 | 122 | -0,4790 |
| 71 | 86 | -1,2448 | 95 | -1,0031 | 126 | -0,6164 | 181 | -0,4720 |
| 72 | 226 | -1,1387 | 94 | -0,9926 | 7 | -0,6034 | 61 | -0,4684 |
| 73 | 139 | -1,1271 | 143 | -0,9765 | 199 | -0,5977 | 148 | -0,4473 |
| 74 | 133 | -1,1201 | 63 | -0,9692 | 244 | -0,5736 | 126 | -0,4398 |
| 75 | 154 | -1,0912 | 47 | -0,9421 | 29 | -0,5730 | 65 | -0,4295 |
| 76 | 229 | -1,0818 | 20 | -0,8946 | 108 | -0,5653 | 192 | -0,4205 |
| 77 | 183 | -1,0787 | 90 | -0,8733 | 71 | -0,5644 | 112 | -0,4169 |
| 78 | 44 | -1,0675 | 85 | -0,8605 | 225 | -0,5380 | 74 | -0,4014 |
| 79 | 87 | -1,0341 | 250 | -0,8590 | 221 | -0,5330 | 101 | -0,3935 |
| 80 | 98 | -1,0258 | 107 | -0,8548 | 89 | -0,5312 | 70 | -0,3738 |
| 81 | 6 | -1,0119 | 62 | -0,8503 | 92 | -0,4952 | 203 | -0,3630 |
| 82 | 144 | -0,9975 | 96 | -0,7722 | 193 | -0,4951 | 234 | -0,3521 |

Obs.: Identificação dos centros em lista anexa.

Tabela 2 (Continua)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | | | | |
|-----|-----|---------|-----|---------|-----|---------|-----|---------|
| 83 | 146 | -0,9708 | 63 | -0,7534 | 82 | -0,4880 | 222 | -0,3258 |
| 84 | 241 | -0,9509 | 240 | -0,7494 | 194 | -0,4825 | 110 | -0,3085 |
| 85 | 155 | -0,9502 | 43 | -0,7320 | 204 | -0,4726 | 15 | -0,2909 |
| 86 | 88 | -0,8867 | 45 | -0,7160 | 236 | -0,4703 | 63 | -0,2254 |
| 87 | 104 | -0,8573 | 245 | -0,7132 | 233 | -0,4578 | 38 | -0,2246 |
| 88 | 141 | -0,8480 | 124 | -0,6647 | 30 | -0,4558 | 121 | -0,2242 |
| 89 | 95 | -0,8079 | 71 | -0,6257 | 206 | -0,4414 | 75 | -0,2210 |
| 90 | 60 | -0,7965 | 246 | -0,5892 | 31 | -0,4373 | 93 | -0,2154 |
| 91 | 94 | -0,7567 | 77 | -0,5565 | 41 | -0,4335 | 198 | -0,2063 |
| 92 | 69 | -0,7508 | 46 | -0,5356 | 248 | -0,4073 | 183 | -0,1996 |
| 93 | 166 | -0,7381 | 187 | -0,4791 | 77 | -0,3991 | 107 | -0,1965 |
| 94 | 117 | -0,7330 | 6 | -0,4737 | 16 | -0,3763 | 224 | -0,1920 |
| 95 | 190 | -0,6556 | 14 | -0,3665 | 88 | -0,3761 | 154 | -0,1818 |
| 96 | 254 | -0,6504 | 163 | -0,3636 | 231 | -0,3753 | 225 | -0,1785 |
| 97 | 9 | -0,6174 | 178 | -0,3605 | 26 | -0,3686 | 66 | -0,1740 |
| 98 | 42 | -0,5783 | 136 | -0,3549 | 43 | -0,3623 | 123 | -0,1370 |
| 99 | 120 | -0,5662 | 28 | -0,3427 | 13 | -0,3099 | 254 | -0,1234 |
| 100 | 28 | -0,5587 | 144 | -0,3395 | 250 | -0,3006 | 128 | -0,0987 |
| 101 | 31 | -0,5467 | 251 | -0,3204 | 249 | -0,2933 | 174 | -0,0919 |
| 102 | 189 | -0,5274 | 66 | -0,3118 | 35 | -0,2931 | 21 | -0,0481 |
| 103 | 185 | -0,5132 | 39 | -0,3059 | 81 | -0,2408 | 161 | -0,0323 |
| 104 | 240 | -0,4807 | 97 | -0,2472 | 197 | -0,2242 | 100 | -0,0221 |
| 105 | 251 | -0,4762 | 184 | -0,2373 | 184 | -0,2174 | 170 | -0,0092 |
| 106 | 132 | -0,4469 | 42 | -0,2306 | 170 | -0,1821 | 172 | 0,0026 |
| 107 | 130 | -0,4249 | 198 | -0,2231 | 254 | -0,1742 | 19 | 0,0100 |
| 108 | 114 | -0,3873 | 191 | -0,2017 | 59 | -0,1558 | 60 | 0,0134 |
| 109 | 219 | -0,2875 | 125 | -0,2011 | 78 | -0,1474 | 248 | 0,0225 |
| 110 | 23 | -0,2348 | 183 | -0,1845 | 152 | -0,1407 | 210 | 0,0342 |
| 111 | 12 | -0,2100 | 138 | -0,1375 | 90 | -0,1392 | 170 | 0,0343 |
| 112 | 121 | -0,1736 | 119 | -0,1308 | 40 | -0,1241 | 221 | 0,0392 |
| 113 | 35 | -0,1467 | 75 | -0,1193 | 56 | -0,1066 | 245 | 0,0553 |
| 114 | 65 | -0,1448 | 204 | -0,0876 | 160 | -0,0919 | 84 | 0,0765 |
| 115 | 8 | -0,1115 | 16 | -0,0627 | 178 | -0,0882 | 200 | 0,0851 |
| 116 | 85 | -0,4444 | 92 | -0,0547 | 231 | -0,0787 | 118 | 0,0854 |
| 117 | 17 | -0,0326 | 70 | -0,0545 | 241 | -0,0720 | 129 | 0,0867 |
| 118 | 174 | -0,0241 | 233 | -0,0517 | 157 | -0,0655 | 153 | 0,0972 |
| 119 | 247 | -0,0194 | 127 | -0,0369 | 137 | -0,0635 | 173 | 0,0987 |
| 120 | 129 | -0,0166 | 87 | -0,0262 | 112 | -0,0463 | 247 | 0,1078 |
| 121 | 209 | -0,0118 | 109 | -0,0057 | 106 | -0,0451 | 25 | 0,1084 |
| 122 | 135 | 0,0114 | 217 | 0,0081 | 167 | -0,0305 | 175 | 0,1161 |
| 123 | 233 | 0,0155 | 169 | 0,0147 | 139 | -0,0255 | 163 | 0,1163 |
| 124 | 199 | 0,0159 | 201 | 0,0219 | 28 | -0,0249 | 147 | 0,1303 |
| 125 | 227 | 0,0442 | 78 | 0,0509 | 171 | -0,0030 | 52 | 0,1309 |
| 126 | 128 | 0,1254 | 93 | 0,0826 | 132 | 0,0080 | 191 | 0,1584 |
| 127 | 197 | 0,1481 | 86 | 0,0982 | 107 | 0,0627 | 155 | 0,1659 |
| 128 | 235 | 0,1742 | 49 | 0,1096 | 164 | 0,0781 | 39 | 0,1714 |
| 129 | 66 | 0,1803 | 203 | 0,1330 | 180 | 0,0807 | 17 | 0,1747 |
| 130 | 37 | 0,1815 | 52 | 0,1382 | 182 | 0,0879 | 82 | 0,1998 |
| 131 | 50 | 0,1956 | 64 | 0,1657 | 189 | 0,1038 | 104 | 0,2016 |
| 132 | 182 | 0,2243 | 132 | 0,1743 | 19 | 0,1053 | 108 | 0,2163 |
| 133 | 111 | 0,2703 | 25 | 0,1823 | 57 | 0,1399 | 64 | 0,2234 |
| 134 | 10 | 0,2802 | 10 | 0,1847 | 119 | 0,1400 | 97 | 0,2328 |
| 135 | 63 | 0,2922 | 110 | 0,2117 | 131 | 0,1512 | 106 | 0,2338 |
| 136 | 249 | 0,3404 | 252 | 0,2400 | 65 | 0,1544 | 98 | 0,2361 |
| 137 | 47 | 0,3428 | 194 | 0,2489 | 85 | 0,1674 | 37 | 0,2362 |
| 138 | 163 | 0,3808 | 197 | 0,2554 | 87 | 0,1781 | 143 | 0,2385 |
| 139 | 21 | 0,4008 | 58 | 0,2720 | 181 | 0,1805 | 16 | 0,2447 |
| 140 | 164 | 0,4130 | 37 | 0,2883 | 177 | 0,1899 | 10 | 0,2515 |
| 141 | 91 | 0,4246 | 111 | 0,2922 | 52 | 0,1939 | 202 | 0,2544 |
| 142 | 201 | 0,4271 | 121 | 0,3098 | 115 | 0,2001 | 133 | 0,2580 |
| 143 | 202 | 0,4796 | 207 | 0,3212 | 6 | 0,2209 | 54 | 0,2608 |
| 144 | 210 | 0,5032 | 228 | 0,3322 | 158 | 0,2256 | 157 | 0,2630 |
| 145 | 57 | 0,5275 | 100 | 0,3599 | 186 | 0,2306 | 62 | 0,2679 |
| 146 | 96 | 0,5443 | 175 | 0,3790 | 47 | 0,2445 | 131 | 0,2750 |
| 147 | 18 | 0,5761 | 3 | 0,3808 | 223 | 0,2450 | 162 | 0,2803 |
| 148 | 82 | 0,5984 | 239 | 0,3810 | 154 | 0,2553 | 135 | 0,2932 |
| 149 | 187 | 0,5993 | 22 | 0,3837 | 102 | 0,2714 | 117 | 0,2937 |
| 150 | 76 | 0,6067 | 177 | 0,4560 | 162 | 0,3005 | 73 | 0,2986 |
| 151 | 138 | 0,6178 | 108 | 0,4989 | 80 | 0,3007 | 159 | 0,3180 |
| 152 | 46 | 0,6189 | 229 | 0,5005 | 70 | 0,3117 | 80 | 0,3216 |
| 153 | 19 | 0,6316 | 44 | 0,5083 | 149 | 0,3124 | 36 | 0,3366 |
| 154 | 193 | 0,6396 | 50 | 0,5159 | 151 | 0,3174 | 2 | 0,3529 |
| 155 | 79 | 0,6638 | 211 | 0,5295 | 75 | 0,3572 | 139 | 0,3572 |
| 156 | 225 | 0,6941 | 199 | 0,5488 | 159 | 0,3607 | 24 | 0,3596 |
| 157 | 24 | 0,6951 | 120 | 0,6105 | 195 | 0,3826 | 193 | 0,3605 |
| 158 | 3 | 0,7024 | 171 | 0,6106 | 127 | 0,3878 | 217 | 0,3731 |
| 159 | 20 | 0,7212 | 162 | 0,6432 | 24 | 0,3887 | 239 | 0,3892 |
| 160 | 123 | 0,7237 | 54 | 0,6453 | 185 | 0,3961 | 232 | 0,4066 |
| 161 | 92 | 0,7313 | 33 | 0,6740 | 125 | 0,4122 | 180 | 0,4202 |
| 162 | 54 | 0,7509 | 13 | 0,6813 | 144 | 0,4244 | 142 | 0,4443 |
| 163 | 53 | 0,7781 | 174 | 0,6941 | 79 | 0,4309 | 213 | 0,4497 |
| 164 | 61 | 0,7931 | 128 | 0,7020 | 201 | 0,4335 | 203 | 0,4837 |
| 165 | 248 | 0,8264 | 130 | 0,7126 | 130 | 0,4465 | 72 | 0,4921 |
| 166 | 232 | 0,8436 | 198 | 0,7563 | 100 | 0,4622 | 208 | 0,4937 |
| 167 | 208 | 0,8527 | 205 | 0,7639 | 104 | 0,5134 | 120 | 0,4969 |
| 168 | 122 | 0,8633 | 113 | 0,8169 | 230 | 0,5156 | 127 | 0,5032 |
| 169 | 113 | 0,8785 | 103 | 0,8404 | 113 | 0,5189 | 77 | 0,5345 |
| 170 | 124 | 0,9266 | 129 | 0,8490 | 4 | 0,5289 | 49 | 0,5405 |
| 171 | 64 | 0,9341 | 181 | 0,8523 | 10 | 0,5372 | 115 | 0,5600 |
| 172 | 93 | 0,9860 | 190 | 0,8535 | 64 | 0,5414 | 76 | 0,5793 |
| 173 | 59 | 1,0665 | 208 | 0,8751 | 141 | 0,5568 | 28 | 0,5970 |

Obs.: Identificação dos centros em lista anexa.

Tabela 2 (Conclusão)

| | | 1 | | 2 | | 3 | | 4 |
|-----|-----|--------|-----|--------|-----|--------|-----|--------|
| 174 | 38 | 1,1522 | 36 | 0,9021 | 242 | 0,5596 | 218 | 0,6007 |
| 175 | 84 | 1,1526 | 141 | 0,9217 | 243 | 0,5736 | 231 | 0,6055 |
| 176 | 126 | 1,1571 | 193 | 0,9428 | 176 | 0,5858 | 8 | 0,6158 |
| 177 | 43 | 1,1757 | 167 | 0,9430 | 11 | 0,5869 | 167 | 0,6220 |
| 178 | 157 | 1,2085 | 182 | 0,9558 | 238 | 0,5906 | 40 | 0,6231 |
| 179 | 214 | 1,2111 | 61 | 0,9735 | 128 | 0,5936 | 105 | 0,6252 |
| 180 | 14 | 1,2235 | 122 | 0,9804 | 134 | 0,6205 | 228 | 0,6505 |
| 181 | 125 | 1,2255 | 220 | 0,9818 | 245 | 0,6287 | 27 | 0,6649 |
| 182 | 250 | 1,2370 | 115 | 0,9956 | 240 | 0,6297 | 132 | 0,6673 |
| 183 | 177 | 1,2810 | 7 | 1,0079 | 156 | 0,6401 | 240 | 0,6736 |
| 184 | 179 | 1,2837 | 168 | 1,0448 | 146 | 0,6403 | 48 | 0,6748 |
| 185 | 107 | 1,2924 | 89 | 1,0492 | 54 | 0,6634 | 46 | 0,7301 |
| 186 | 16 | 1,3810 | 180 | 1,0650 | 84 | 0,6835 | 31 | 0,7438 |
| 187 | 39 | 1,4342 | 227 | 1,0661 | 232 | 0,7027 | 113 | 0,7446 |
| 188 | 191 | 1,4404 | 8 | 1,0876 | 20 | 0,7097 | 227 | 0,7477 |
| 189 | 243 | 1,6074 | 30 | 1,1105 | 22 | 0,7103 | 59 | 0,7478 |
| 190 | 127 | 1,6608 | 15 | 1,1216 | 163 | 0,7125 | 138 | 0,7652 |
| 191 | 30 | 1,6632 | 222 | 1,1224 | 95 | 0,7133 | 236 | 0,7751 |
| 192 | 171 | 1,6694 | 189 | 1,1338 | 155 | 0,7219 | 14 | 0,7775 |
| 193 | 56 | 1,6699 | 145 | 1,1340 | 202 | 0,7261 | 6 | 0,7805 |
| 194 | 178 | 1,7341 | 237 | 1,1396 | 62 | 0,7302 | 156 | 0,7847 |
| 195 | 109 | 1,7345 | 226 | 1,1408 | 133 | 0,7455 | 177 | 0,8001 |
| 196 | 150 | 1,7576 | 230 | 1,1427 | 165 | 0,7638 | 229 | 0,8024 |
| 197 | 192 | 1,7800 | 112 | 1,1436 | 66 | 0,7660 | 58 | 0,8333 |
| 198 | 238 | 1,7865 | 156 | 1,1522 | 234 | 0,8172 | 238 | 0,8353 |
| 199 | 11 | 1,7963 | 126 | 1,1611 | 55 | 0,8407 | 119 | 0,8401 |
| 200 | 25 | 1,8082 | 40 | 1,1792 | 21 | 0,8647 | 223 | 0,8597 |
| 201 | 134 | 1,8112 | 179 | 1,1857 | 61 | 0,8775 | 146 | 0,8620 |
| 202 | 73 | 1,8127 | 137 | 1,2018 | 9 | 0,8784 | 69 | 0,8695 |
| 203 | 40 | 1,8526 | 214 | 1,2044 | 173 | 0,9109 | 22 | 0,8742 |
| 204 | 195 | 1,8872 | 4 | 1,2152 | 129 | 0,9334 | 160 | 0,8767 |
| 205 | 186 | 1,8984 | 216 | 1,2246 | 136 | 0,9418 | 186 | 0,9022 |
| 206 | 245 | 1,9163 | 142 | 1,2655 | 99 | 0,9513 | 215 | 0,9102 |
| 207 | 33 | 1,9221 | 212 | 1,2880 | 123 | 0,9654 | 67 | 0,9286 |
| 208 | 137 | 1,9291 | 215 | 1,3271 | 97 | 0,9826 | 145 | 1,0175 |
| 209 | 100 | 1,9393 | 18 | 1,3323 | 94 | 0,9999 | 165 | 1,0477 |
| 210 | 204 | 1,9656 | 88 | 1,3337 | 111 | 1,0045 | 81 | 1,0685 |
| 211 | 242 | 1,9670 | 158 | 1,3703 | 169 | 1,0064 | 207 | 1,0757 |
| 212 | 246 | 1,9825 | 133 | 1,3742 | 44 | 1,0190 | 205 | 1,1111 |
| 213 | 162 | 1,9871 | 176 | 1,4070 | 58 | 1,0424 | 4 | 1,1160 |
| 214 | 159 | 2,0254 | 218 | 1,4165 | 14 | 1,0635 | 190 | 1,1544 |
| 215 | 231 | 2,0283 | 51 | 1,4256 | 105 | 1,0972 | 32 | 1,1548 |
| 216 | 161 | 2,0599 | 154 | 1,4315 | 74 | 1,1353 | 88 | 1,1659 |
| 217 | 62 | 2,0619 | 157 | 1,4482 | 145 | 1,1809 | 68 | 1,1681 |
| 218 | 13 | 2,1340 | 221 | 1,4793 | 143 | 1,1854 | 45 | 1,1737 |
| 219 | 110 | 2,1444 | 139 | 1,4987 | 138 | 1,1904 | 199 | 1,1816 |
| 220 | 236 | 2,1701 | 155 | 1,5134 | 2 | 1,1938 | 130 | 1,2147 |
| 221 | 108 | 2,2417 | 162 | 1,5385 | 235 | 1,1949 | 189 | 1,2183 |
| 222 | 234 | 2,2550 | 213 | 1,5645 | 17 | 1,1955 | 178 | 1,2195 |
| 223 | 22 | 2,3073 | 59 | 1,6775 | 161 | 1,2004 | 195 | 1,2454 |
| 224 | 188 | 2,3349 | 200 | 1,7206 | 5 | 1,2176 | 184 | 1,2616 |
| 225 | 103 | 2,3468 | 192 | 1,7234 | 34 | 1,2272 | 13 | 1,2722 |
| 226 | 41 | 2,3519 | 29 | 1,7986 | 67 | 1,2448 | 53 | 1,3102 |
| 227 | 131 | 2,3595 | 253 | 1,8023 | 114 | 1,2721 | 233 | 1,3341 |
| 228 | 29 | 2,3717 | 150 | 1,8529 | 53 | 1,3381 | 235 | 1,3341 |
| 229 | 89 | 2,3730 | 79 | 1,8562 | 60 | 1,3436 | 79 | 1,3507 |
| 230 | 15 | 2,4085 | 82 | 1,9324 | 49 | 1,3440 | 206 | 1,3684 |
| 231 | 196 | 2,5522 | 173 | 1,9491 | 117 | 1,3755 | 204 | 1,3705 |
| 232 | 184 | 2,5602 | 131 | 1,9706 | 98 | 1,4499 | 12 | 1,4297 |
| 233 | 70 | 2,5636 | 223 | 1,9904 | 46 | 1,4535 | 55 | 1,4763 |
| 234 | 52 | 2,6169 | 225 | 2,0503 | 91 | 1,4551 | 241 | 1,5235 |
| 235 | 112 | 2,7345 | 160 | 2,1063 | 27 | 1,4882 | 166 | 1,5402 |
| 236 | 51 | 2,7399 | 146 | 2,1180 | 166 | 1,5155 | 5 | 1,5459 |
| 237 | 200 | 2,7412 | 147 | 2,1255 | 135 | 1,5168 | 34 | 1,5502 |
| 238 | 75 | 2,7525 | 224 | 2,1722 | 86 | 1,5280 | 57 | 1,5604 |
| 239 | 119 | 2,8741 | 219 | 2,2248 | 175 | 1,5796 | 1 | 1,5723 |
| 240 | 194 | 2,9054 | 249 | 2,2560 | 172 | 1,5807 | 86 | 1,5724 |
| 241 | 183 | 2,9722 | 170 | 2,2710 | 118 | 1,6726 | 244 | 1,6240 |
| 242 | 216 | 2,9784 | 149 | 2,3276 | 76 | 1,7611 | 26 | 1,6354 |
| 243 | 207 | 3,0037 | 105 | 2,3381 | 247 | 1,7636 | 243 | 1,6411 |
| 244 | 244 | 3,0064 | 209 | 2,7278 | 45 | 1,7927 | 134 | 1,6936 |
| 245 | 7 | 3,0976 | 55 | 2,7634 | 23 | 1,8333 | 182 | 1,7610 |
| 246 | 252 | 3,1332 | 153 | 2,7865 | 69 | 2,0020 | 242 | 1,7947 |
| 247 | 152 | 3,1662 | 151 | 2,8265 | 72 | 2,1672 | 212 | 1,8366 |
| 248 | 237 | 3,3045 | 159 | 2,8829 | 1 | 2,3310 | 188 | 1,9049 |
| 249 | 36 | 3,3610 | 101 | 2,9591 | 188 | 2,3693 | 20 | 1,9900 |
| 250 | 203 | 3,4535 | 81 | 3,3652 | 140 | 2,4602 | 11 | 2,0597 |
| 251 | 239 | 3,5446 | 148 | 3,5083 | 12 | 2,6969 | 220 | 2,0810 |
| 252 | 78 | 3,5498 | 106 | 3,5441 | 83 | 3,0548 | 140 | 2,1343 |
| 253 | 198 | 3,5503 | 102 | 4,0888 | 68 | 3,1582 | 211 | 2,2102 |
| 254 | 205 | 4,0682 | 80 | 5,0059 | 116 | 3,5725 | 116 | 2,5401 |

Obs.: Identificação dos centros em lista anexa.

LISTA ANEXA DE IDENTIFICAÇÃO DOS CENTROS (TAB. 2)

| | |
|-----------------------------------|-------------------------------|
| 1 — Carutapera | 70 — Iguatu |
| 2 — Cururupu | 71 — Orós |
| 3 — Pinheiro | 72 — Cedro |
| 4 — São Bento | 73 — Icó |
| 5 — Rosário | 74 — Várzea Alegre |
| 6 — São José de Ribamar | 75 — Brejo Santo |
| 7 — São Luís | 76 — Campos Sales |
| 8 — Barreirinhas | 77 — Barbalha |
| 9 — Brejo | 78 — Crato |
| 10 — Pindaré-Mirim | 79 — Juazeiro do Norte |
| 11 — Santa Inês | 80 — Areia Branca |
| 12 — Vitorino Freire | 81 — Macau |
| 13 — Bacabal | 82 — Moçoró |
| 14 — Pedreiras | 83 — Touros |
| 15 — Caxias | 84 — Açú |
| 16 — Codó | 85 — Angicos |
| 17 — Coroatá | 86 — João Câmara |
| 18 — Timon | 87 — Ceará-Mirim |
| 19 — Chapadinha | 88 — Macaíba |
| 20 — Imperatriz | 89 — Natal |
| 21 — Barra do Corda | 90 — Parnamirim |
| 22 — Dom Pedro | 91 — Pau dos Ferros |
| 23 — Colinas | 92 — Caicó |
| 24 — Balsas | 93 — Currais Novos |
| 25 — Carolina | 94 — Santa Cruz |
| 26 — São Raimundo das Mangabeiras | 95 — Nova Cruz |
| 27 — São João dos Patos | 96 — Catoíé do Rocha |
| 28 — Esperantina | 97 — Picuí |
| 29 — Parnaíba | 98 — Cuité |
| 30 — Campo Maior | 99 — Alagoa Grande |
| 31 — Piripiri | 100 — Guarabira |
| 32 — Altos | 101 — Bayeux |
| 33 — Teresina | 102 — Cabedelo |
| 34 — Água Branca | 103 — João Pessoa |
| 35 — Valença do Piauí | 104 — Mamanguape |
| 36 — Floriano | 105 — Rio Tinto |
| 37 — Guadalupe | 106 — Santa Rita |
| 38 — Oeiras | 107 — Cajazeiras |
| 39 — Picos | 108 — Patos |
| 40 — Uruçuí | 109 — Pombal |
| 41 — Bom Jesus | 110 — Sousa |
| 42 — São Raimundo Nonato | 111 — Monteiro |
| 43 — Corrente | 112 — Campina Grande |
| 44 — Camocim | 113 — Esperança |
| 45 — Santana do Acaraú | 114 — Areia |
| 46 — Itapajé | 115 — Itabaiana |
| 47 — Itapipoca | 116 — Mari |
| 48 — Pentecoste | 117 — Sapé |
| 49 — Aquiraz | 118 — Teixeira |
| 50 — Caucaia | 119 — Araripina |
| 51 — Fortaleza | 120 — Ouricuri |
| 52 — Maranguape | 121 — Salgueiro |
| 53 — Pacatuba | 122 — Petrolina |
| 54 — Pacajus | 123 — Afogados da Ingazeira |
| 55 — Aracati | 124 — Serra Talhada |
| 56 — Russas | 125 — Sertânia |
| 57 — Tianguá | 126 — Arcoverde |
| 58 — Ipu | 127 — Limoeiro |
| 59 — Sobral | 128 — Surubim |
| 60 — Canindé | 129 — Belo Jardim |
| 61 — Baturité | 130 — Bezerros |
| 62 — Novas Russas | 131 — Caruaru |
| 63 — Crateús | 132 — Gravata |
| 64 — Quixadá | 133 — Pesqueira |
| 65 — Quixeramobim | 134 — Sta. Cruz do Capibaribe |
| 66 — Senador Pompeu | 135 — Bom Conselho |
| 67 — Jaguaribe | 136 — Bonito |
| 68 — Pereiro | 137 — Garanhuns |
| 69 — Tauá | 138 — Lajedo |

139 — Carpina
140 — Condado
141 — Goiana
142 — Igaracu
143 — Itamaracá
144 — Nazaré da Mata
145 — Pau d'Alho
146 — Timbaúba
147 — Cabo
148 — Jaboatão
149 — Moreno
150 — Olinda
151 — Paulista
152 — Recife
153 — São Lourenço da Mata
154 — Barreiros
155 — Catende
156 — Escada
157 — Palmares
158 — Ribeirão
159 — Vitória de Santo Antão
160 — Delmiro Gouveia
161 — Santana do Ipanema
162 — Palmeira dos Índios
163 — União dos Palmares
164 — Viçosa
165 — Matriz de Camarajibe
166 — Arapiraca
167 — São Miguel dos Campos
168 — Maceió
169 — Pilar
170 — Rio Largo
171 — Penedo
172 — Porto da Folha
173 — Neópolis
174 — Propriá
175 — Nossa Senhora das Dores
176 — Maruim
177 — Itabaiana
178 — Lagarto
179 — Aracaju
180 — Estância
181 — São Cristóvão
182 — Tobias Barreto
183 — Barreiras
184 — Santa Maria da Vitória
185 — Barra
186 — Xique-Xique
187 — Bom Jesus da Lapa
188 — Irecê
189 — Boquira
190 — Brumado
191 — Guanambi
192 — Senhor do Bonfim
193 — Itaberaba
194 — Jacobina
195 — Ruy Barbosa
196 — Juazeiro

197 — Euclides da Cunha
198 — Serrinha
199 — Castro Alves
200 — Feira de Santana
201 — Amargosa
202 — Jaguaquara
203 — Jequié
204 — Poços
205 — Vitória da Conquista
206 — Itambé
207 — Itapetinga
208 — Paulo Afonso
209 — Alagoinhas
210 — Esplanada
211 — Camaçari
212 — Candeias
213 — Cату
214 — Lauro de Freitas
215 — Mata de São João
216 — Salvador
217 — São Francisco do Conde
218 — Simões Filho
219 — Cachoeira
220 — Conceição do Jacuípe
221 — Cruz das Almas
222 — Itaparica
223 — Maragogipe
224 — Muritiba
225 — Nazaré
226 — Santo Amaro
227 — Santo Antônio de Jesus
228 — São Sebastião do Passé
229 — Vera Cruz
230 — Valença
231 — Itororó
232 — Belmonte
233 — Buerarema
234 — Canavieiras
235 — Coaraci
236 — Ibicarai
237 — Ilhéus
238 — Ipiáu
239 — Itabuna
240 — Itajuípe
241 — Ubatá
242 — Itamaraju
243 — Itanhém
244 — Medeiros Neto
245 — Prado
246 — Januária
247 — Monte Azul
248 — Salinas
249 — Pirapora
250 — Bocaiúva
251 — Janaúba
252 — Montes Claros
253 — Grão-Mogol
254 — Várzea da Palma

TABELA 8

Classificação de cidades

Médias das classes de cidades por setores de atividades econômicas

| N.º DE CLASSES | CLASSES DE CIDADES | N.º DE CIDADES P/CLASSE | TOTAL DA PEA P/CLASSE | % DA PEA TOTAL | PEA NO SETOR PRIMÁRIO | PEA NAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS | PEA NA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO | PEA NO COM. MERCADORIAS | PEA NO COM. AMBULANTE | PEA NA PREST. SERVIÇOS | PEA NAS ATIV. SOCIAIS | PEA NOS TRANSPORTES | PEA NOS SERV. GOVERNAMENTAIS | PEA NO COM. DE IMÓVEIS |
|----------------|--|-------------------------|-----------------------|----------------|-----------------------|--------------------------------|--------------------------------|-------------------------|-----------------------|------------------------|-----------------------|---------------------|------------------------------|------------------------|
| | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| | Média da PEA por setores de atividades | | | | 21,66 | 13,45 | 10,73 | 10,96 | 3,18 | 19,04 | 7,59 | 6,79 | 5,10 | 1,50 |
| | — Dominância de PEA no setor primário | 87 | 207 494 | | | | | | | | | | | |
| 1 | Dominância muito acentuada | 3 | 3 503 | 0,36 | 68,74 | 3,44 | 1,88 | 7,36 | 0,56 | 5,69 | 5,58 | 1,90 | 4,85 | 0,00 |
| 2 | Dominância acentuada | 16 | 25 102 | 1,12 | 48,81 | 7,17 | 6,97 | 8,42 | 1,78 | 12,45 | 6,32 | 4,27 | 3,21 | 0,60 |
| 3 | Menos acentuada c/destaque da PEA na ind. de construção | 4 | 8 055 | 0,36 | 35,76 | 7,68 | 20,37 | 9,78 | 2,17 | 12,32 | 4,49 | 3,09 | 3,91 | 0,42 |
| 4 | Menos acentuada c/destaque da PEA nas atividades industriais | 6 | 7 305 | 0,33 | 36,57 | 19,13 | 5,96 | 7,72 | 3,94 | 11,06 | 6,72 | 4,48 | 4,25 | 0,17 |
| 5 | Menos acentuada c/PEA terciária | | | | | | | | | | | | | |
| | 5.1 — PEA no comércio mercadorias | 6 | 21 272 | 0,95 | 33,72 | 8,56 | 10,73 | 13,79 | 2,17 | 19,40 | 4,37 | 3,26 | 2,28 | 1,54 |
| | 5.2 — PEA c/posições médias no comércio de mercadorias e ambulante | 44 | 118 436 | 5,28 | 29,32 | 8,99 | 8,49 | 10,91 | 3,33 | 18,51 | 7,49 | 6,23 | 4,27 | 1,40 |
| | 5.3 — PEA com destaque no comércio ambulante | 2 | 14 224 | 0,63 | 40,22 | 8,21 | 5,84 | 9,12 | 6,37 | 15,70 | 4,25 | 6,50 | 2,91 | 0,90 |
| | 5.4 — PEA nas atividades sociais, nos serv. governamentais, comércio de imóveis | 6 | 9 597 | 0,43 | 35,60 | 7,17 | 7,77 | 8,14 | 0,86 | 16,97 | 10,53 | 4,29 | 6,55 | 3,14 |
| 6 | Associação de PEA no setor primário com PEA terciária e ind. construção, relativamente expressivas | 19 | 47 451 | 2,11 | 20,95 | 7,85 | 11,31 | 11,11 | 2,69 | 19,99 | 11,29 | 6,83 | 6,70 | 1,29 |
| 7 | Associação de PEA no setor primário com PEA nas ativ. industriais, ind. construção e transportes | 2 | 3 572 | 0,16 | 24,04 | 15,39 | 16,03 | 8,29 | 1,85 | 13,28 | 7,34 | 8,20 | 5,17 | 0,43 |
| | — Dominância de PEA nas ativ. industriais | 31 | 119 424 | 5,32 | | | | | | | | | | |
| 8 | Dominância acentuada | 6 | 14 767 | 0,66 | 12,70 | 41,30 | 5,34 | 7,47 | 2,20 | 9,33 | 7,60 | 6,59 | 6,68 | 0,59 |
| 9 | Menos acentuada c/PEA com. ambulante e transportes | 25 | 104 657 | 4,66 | 14,78 | 28,47 | 8,83 | 8,77 | 4,04 | 15,52 | 7,22 | 6,83 | 4,39 | 1,14 |
| 10 | Associação de PEA na ind. construção c/PEA nas atividades industriais | 4 | 14 021 | 0,62 | 5,01 | 23,50 | 32,33 | 7,43 | 1,85 | 14,24 | 3,62 | 6,80 | 4,45 | 0,68 |
| 11 | Associação de PEA nas ativ. industriais c/destaque na PEA nos transportes e comércio ambulante | 6 | 33 697 | 1,50 | 7,77 | 20,48 | 9,05 | 9,27 | 5,77 | 14,41 | 6,84 | 19,33 | 6,26 | 0,83 |
| | — Dominância de PEA terciária | 55 | 1 663 829 | 74,12 | | | | | | | | | | |
| 12 | C/destaque na prest. de serviços e serviços governamentais | 13 | 1 246 371 | 55,52 | 3,15 | 11,36 | 10,95 | 12,66 | 3,55 | 25,72 | 11,16 | 7,81 | 10,51 | 3,11 |
| 13 | C/destaque na prest. de serviços com. de mercadorias | 27 | 276 039 | 12,30 | 11,29 | 12,09 | 11,94 | 13,58 | 4,18 | 23,36 | 8,20 | 8,39 | 4,88 | 2,10 |
| 14 | C/destaque na prest. de serv. com. de mercadorias e ind. constr. | 9 | 100 578 | 4,48 | 9,57 | 8,94 | 13,12 | 15,84 | 2,81 | 28,00 | 7,45 | 7,02 | 4,39 | 2,66 |
| 15 | C/PEA nas ativ. industriais e transportes | 6 | 40 841 | 1,82 | 6,28 | 16,39 | 11,60 | 11,19 | 3,62 | 20,30 | 9,53 | 13,40 | 5,85 | 1,87 |
| 16 | Associação PEA na prest. serv., atividades industriais e indústria de construção | 20 | 58 577 | 2,61 | 14,24 | 17,61 | 15,67 | 9,52 | 3,66 | 20,57 | 6,08 | 6,23 | 5,06 | 1,32 |
| 17 | Associação PEA na ind. construção c/PEA na prest. de serviços | 2 | 4 319 | 0,19 | 14,11 | 4,71 | 27,66 | 11,03 | 0,88 | 23,56 | 7,54 | 3,53 | 5,01 | 2,00 |
| 18 | Associação PEA terciária com PEA no setor primário | 23 | 82 261 | 3,66 | 22,21 | 8,57 | 9,04 | 14,47 | 2,75 | 24,02 | 6,42 | 6,66 | 3,81 | 2,05 |
| | Cidades isoladas | 5 | 7 304 | 0,33 | | | | | | | | | | |
| | Total | 254 | | | | | | | | | | | | |